A NINESTAR PRESS HALLOWEEN STORY

Entrevista com Kevin



MARK LESNEY



Entrevista com Kevin
Mark Lesney

Danton é um vampiro de 1200 anos de idade, cego pela Igreja Medieval, que trabalha como escritor de romance paranormal. Ele escreve sobre um detetive vampiro e "finge" para seus fãs que é um vampiro. Mas as vendas dos livros estão em baixa porque ele está sem amor há mais de 30 anos e, simplesmente, sem inspiração para escrever. Até que ele conhece Kevin, um jovem incrédulo, desesperado por um emprego, que é trazido pelo agente de Danton para tentar iluminar sua vida e aquecer sua escrita.





Capítulo 1

Cavalheiro recluso procura companheiro masculino para assistência nas tarefas da vida diária. Deve ter uma voz de leitura agradável e não ligar para a homossexualidade ou lidar com os cegos. Excelente salário e benefícios para o indivíduo certo. Deve estar disposto a viver e seguir uma programação horária flexível, incluindo frequente trabalho noturno.

Foi o melhor que pude fazer. Eu não poderia muito bem ter anunciado a verdade no *Washington Blade*.

Vampiro sem visão procura assistente com disposição para possíveis doações de sangue, serviço inabalável, bem como dicas sobre o romance MM moderno. Sexo opcional, mas desejável com o candidato apropriado.

É claro que a última entrevista da semana para a posição estava programada para o Halloween - um feriado que não era apenas um embaraço para minha espécie, mas pior, o 800º aniversário da noite em que os servos de Simon de Montfort queimaram meus olhos. Não é hora de comemoração.

Diana, minha agente, filtrou o pior daqueles que apareceram antes mesmo de eu conhecê-los. Diana estava totalmente a par de todos os meus segredos, sua mãe estava aposentada e tinha sido minha antiga agente. Ela eliminou a maioria absoluta e os aproveitadores óbvios.

E ela examinou seus currículos - era demais esperar que eles fossem entregues a mim em Braille. Ela poderia tê-los impresso para mim usando minha impressora especial, é claro, mas eu odiava lidar com esses tipos de



detalhes. E como tinha sido ideia dela, achei melhor que ela fizesse todo o trabalho.

Além disso, porém, houve o inevitável momento em que tive de lidar com eles pessoalmente. A maioria das entrevistas foi chocante. E muito triste, dado o número excessivo deles e como poucos dariam conta do trabalho.

Eu morava em um dos lugares mais luxuosos em Georgetown o que atraia bastante gente de ralé e oportunistas. E muito estudantes universitários infelizes.

Eu estava ficando bastante perplexo e me perguntando se teria de me contentar com um escravo da mente observado de perto por uma ou duas décadas - brincadeira, na verdade - até que o jovem Kevin Daily andou pela biblioteca e entrou na minha vida.

Claro, isso foi depois de uma manhã inteira de Diana me ensinando a ser menos exigente.

— Você só precisa mudar para a era moderna. Você não esteve em um bar gay em quase uma geração, — reclamou ela. Ela estava ocupada no meu escritório como um chihuahua louco, colocando enfeites de Halloween artesanais mesmo aqui, depois de ter enchido os painéis de carvalho escuro da escada com papelão recortado de bruxas e fantasmas e monstruosidades de abóbora.

Meus protestos foram em vão. A turma de sua filha havia abraçado o caso do pobre "tio" cego com a seriedade de qualquer grupo de crianças de oito anos, que recebiam um projeto na aula de artes. Bethany - eu me recusei a ligar para minha afilhada substituta Bettie, como ela agora queria ser



chamada - disse à sua professora e a todos os seus amigos sobre a minha mansão - sombria e solitária - e como ela simplesmente deveria ser iluminada para o Halloween. O fato que eu era cego e presumivelmente não seria capaz de vê-los parecia não importar nem um pouco para o entusiasmo deles.

— Foi uma época ruim. Os bares estavam cheios de homens semi-armados, a maioria a serviço do governo para uma administração republicana. Na maioria das noites eu cheirava seu desespero — eu reclamei. — E AIDS.

Estar "fora" era a exceção então, não a regra, até mais de uma década depois de Stonewall. Tudo naquela época era AIDS. Não é uma lembrança agradável, tanto quanto eu amava disco. Todo lugar tinha o sabor da morte. O gosto amargo de Eddie. Essa foi a última vez que eu consegui me alimentar diretamente de um macho humano.

— Por que você espera que eu comece tudo de novo? Eu não preciso fazer nenhuma pesquisa. Minha carreira está bem, — eu disse a ela. — De qualquer forma. Eu jurei não ter aventura sexual. Muito menos a insanidade chamada amor. Você precisa parar de trocar as bolsas de sangue e tentar me alimentar dos homens novamente. O gosto me deixa desconfortável. Traz de volta memórias. E desde que eu não vou fazer nada sobre isso, eu gostaria que você parasse!

— De qualquer forma, alimentar-se de sangue feminino funcionou perfeitamente bem. A clínica fornece mais do que eu preciso. As novas bolsas não tem muito a ver com plástico. E eu nunca vi essa necessidade obsessiva



do resto da minha espécie, especialmente aqueles retratados em livros, em 'brincar com a minha comida'.

— Mas as mulheres são adoráveis para brincar! — Diana sorriu.

O calor subiu pelo meu pescoço para transformar meu rosto branco-azulado em escarlate. Eu não tinha me alimentado por um tempo. Então, não havia sangue suficiente para ter de volta, e me senti um pouco tonto, além de extremamente desconfortável. Lésbicas de alguma forma sempre me faziam sentir um puritano.

— Eles estão me sustentando, — eu disse para encobrir o meu constrangimento. — Saudável. E limpo. Eu vou te conceder isso. Você está limpa. Eu gosto de minhas refeições bem esfregadas. Você não é tão ruim.

Significado mulher, não ela pessoalmente. Eu nunca me alimentei dos meus agentes. Então, mascarei meu desconforto contínuo perguntando sobre sua filha.

— Ela ainda está importunando Maddie sobre seu traje de Halloween, e por que, apesar de ter duas mães, nenhuma das duas sabem como costurar uma fantasia que vale a pena. — Ela balançou a cabeça. — Que tipo de porcaria de escola insiste que todos os trajes de Halloween sejam feitos à mão? Mas isso é irrelevante. Não me distraia. Nós estávamos falando sobre como você pode cuidar de uma mágoa assim por tantos anos.

— Eu sou imortal. Não há nada a fazer, — eu disse.



Senti a vibração disso na sala, quando ouvi o suspiro exagerado de Diana. — De certa forma, é sobre isso que tenho que falar com você, — ela disse.

— Você não está tentando me consertar de novo com o sangue de outro maldito "twink" como você o chamou! Metanfetamina e maconha! Mordaça!

— Você sabe que isso não vai funcionar. Pelo menos aquela lontra ou era o sangue da criatura que você trouxe era fresco e puro. Mas aquela cerveja que eles drenaram para mim daquele -atleta muscular- era amarga. O sabor de esteroides e drogas ficou comigo por dias. Como a sacarina no meu chá!

O que eu não disse a ela foi que, em ambos os casos, o gosto simples do sangue de um homem humano, mesmo bebido através de um tubo de um saco de doação de plástico, me deu um duro furor. Algo que eu não senti há muito tempo, exceto em sonhos, por mais de trinta anos. Eu suspeitava que ela soubesse o efeito que isso teria em mim, e é por isso que ela insistiu que eu tentasse beber sangue de homens novamente. Para fins de pesquisa... ela disse. Só para ver se isso ajudaria a me inspirar.

Bem, eu não queria mais me inspirar dessa maneira. Eu tive o suficiente.

— Bem, pelo menos o sangue era todo HIV negativo. Você não precisava ter um coquetel ou drogas no sangue deles.

Ela recuou assustada quando eu pulei da cadeira antes mesmo de perceber. Anos de prática, o calor de seu perfume, o café com leite duplo em seu hálito a deixava perfeitamente "visível" para o meu olfato e paladar



enquanto eu colocava meu rosto exatamente a dois centímetros do dela. E sorri com as presas.

— Eu abençoo os coquetéis, pelo bem deles, — eu disse com uma voz rouca, quase tremendo de raiva. — Você não vai falar contra eles. — Eu me senti muito intimidante.

Ela só suspirou novamente. — Eu realmente sinto muito, Dan. Eu não posso imaginar o quão horrível foi para você. Não gosto de pensar no que você e minha mãe me contaram sobre aquela época.

Tanto para testar o papel do grande e mau vampiro nela... Eu recuei da descortesia como agi com ela e fiquei de costas em minha mesa. Eu não estava prestando atenção em nada além dela agora e minhas memórias.

— Me chame por Danton, — eu disse, — mesmo quando estamos sozinhos. Se eu vou ser o grande escritor de romances de vampiros, então eu tenho que manter o papel. — Além disso, eu odiava ser chamado de -Dan.- Era muito perto de Danny... Danny Boy. É assim que Eddie me chamava quando me ligava. Depois daquela música idiota.

— Tudo bem, Danton. Mas, na verdade, ninguém sabe, muito menos acreditam, você seja um verdadeiro vampiro. Exceto talvez aquele pequeno grupo de fãs loucos. O resto todos acham que é apenas um truque para as convenções do livro e as contratações.

— Isso serve para mim, — eu disse, feliz que a maioria das pessoas não acreditava realmente que eu tivesse servido na corte de Carlos Magno. Quem era um idiota, a propósito, no caso de você estar se perguntando. Essa foi a única coisa que o musical *Pepino* acertou.



— Minha personalidade é um aspecto perfeito para meu ofício, — insisti. — Sua mãe e eu a aperfeiçoamos com o tempo. — E ser uma escritor de livros de vampiros me permitiu, pela primeira vez em vários séculos, usar meu nome verdadeiro. E sair à luz do dia. Ou melhor, publicamente. Eu não gosto da luz do dia.

Erupções cutâneas. Queimadura. Rapidamente ficaria desidratado e superaquecido. Mas nada disso me faria explodir em chamas. Embora aquele fim de semana em uma praia tropical em Fort Lauderdale, em que Eddie insistira, me fizesse desejar poder pegar fogo e acabar logo com isso. Ah! A coceira... Você pensaria que eu curaria quase instantaneamente como tudo mais... mas... não.

— Seu personagem vampiro pode ter te servido bem antes, mas não agora. Nós cometemos um erro.

— Que erro?

— Seus livros não estão vendendo como antes. Pelo menos não os novos. Eu... eu só consegui um contrato direto para e-books neste ultimo ano. Uma tiragem só é válida se vender o suficiente para continuarem a contratar...

— O que? — Minha fúria ecoou pela casa e as estatuetas de porcelana do século XVI em minha lareira caíram com o grito. Eu poderia não precisar respirar, exceto para conversar, mas eu tinha um conjunto sobrenatural de pulmões e laringe.

— Foi um erro - pensar que teríamos novos leitores ao deixar vazar que o Danton original se aposentou e que agora você era seu filho assumindo as rédeas. - Ninguém gosta de um velho vampiro, não é?



— Foi ideia sua - 'Não é possível que as pessoas falem, imaginando se você realmente é o que você diz ser' - você disse.

— Isso ainda é verdade, mas...

— Mas o que?

— Eles acham que você, — ...bem, que seu filho... não tem o mesmo talento de seu pai. Que os livros não são — autênticos.

— Autêntico! — Ainda sou eu. E eu sou um maldito vampiro!

— Bem, é só isso. Você é de fato um vampiro. E essa parte dos seus livros ainda recebe alguns elogios... Mas não como antes, entende?

Eu podia ouvi-la puxar uma folha de papel de sua bolsa e o quase imperceptível som quando ela o desdobrou.

— Eu simplesmente não senti uma faísca entre os dois personagens. — Ela colocou sua melhor voz de professora na escola. — 'A história é emocionante e cheia de ação, mas eu não senti no romance algum nível de calor entre eles.'

— E então tem isso. — Ele não é nem a metade do escritor que seu pai era. — Que ganhou 1.500 curtidas no Facebook e foi twitado e retwitado até o dia do lançamento do seu último livro.

— Mas ainda sou eu! — Eu disse.

— Mas nós, infelizmente, e devo admitir que isso foi principalmente por minha culpa, demos a eles a oportunidade de olhar seus livros como se fossem escritos por outra pessoa.



— E francamente, nos últimos dez anos, você tem estado meio distante — Quando minha mãe me entregou para mim, ela me avisou que eu teria que lidar com isso um dia. Eu tentei ignorar, mas ela estava certa. Ela disse que você faz tanto tempo que você não se apaixona que isso esta começando a afetar seus livros. Que o seu estilo e inteligência estão eliminando qualquer paixão.

— O que mais Helen te disse? — Sentei-me, toda a minha raiva diminuiu, a escuridão ao meu redor aumentou quando os meus sentidos lentamente recuaram.

— Que em algum momento você pode ter que se aposentar. Ou fingir que você morreu. E viver de seus royalties... antes de se tornar uma zombaria do que você já foi.

— Eu pensei que nós poderíamos evitar isso. Revigorar sua carreira ao "renascer" como seu filho. Mas isso apenas tornou o problema ainda mais visível. Com os blogueiros está ruim o suficiente. Mas no Amazon.com seu último livro foi avaliado apenas 18 por cento dos leitores. — A maioria dos outros lhe deu dois e três, e alguns disseram que você merece uma chance. Que havia algo do seu pai em você, mas você tinha que aprimorar seu trabalho.

— Provavelmente quatro ou cinco deles estavam lá pagos pela editora. — Admito que pensei em contratar alguém para me ajudar, mas eles me venceram.

— Oh Deus!



—Nem mesmo o sangue que eu trouxe para você, recém-saído da clínica, de jovens voluntários parece ter te tirado de sua rotina. Eu li suas últimas páginas. Estão piores. Como você pode escrever uma cena de sexo entre dois alfas vampiros e fazê-la parecer piegas?

Eu não sabia como responder.

Comecei a me sentar e Diana me empurrou para o lado com uma pressa repentina, aparentemente salvando uma pilha de papel de serem esmagados pela minha bunda vampírica.

Se eu não estivesse ciente de quem e onde ela estava o tempo todo, eu poderia tê-la jogado no meio do caminho em minha surpresa por ter sido empurrado.

Ela não parecia se importar que eu tivesse batido com força o meu joelho na mesa. Ela sabia que eu não iria quebrar. Mas ela também sabia que eu sentia dor. O canto da minha mesa tinha sido bastante inflexível.

Ela não se importou com meus protestos sobre a arte das crianças.

Eu estalei meus dedos com força para ter uma noção do escritório inteiro, não produzindo som suficiente para ter uma noção completa de todo o horror. A "visão" ecoante da sala voltou para mim com maior clareza.

— Tapioca! Você pendurou crepe ao redor da lareira! Se você danificar alguma coisa ... Eu suponho, Deus me ajude, é preto e laranja?

— Pare de ser tão idiota. Veja, estou ascendendo ao seu próprio nível e usando um dos seus próprios termos anacrônicos, em vez de chamá-lo de idiota rabugento. Você sabe que Bettie está vindo com a mamãe no final da



tarde para tirar fotos para sua aula. E você *vai* apreciar adequadamente os esforços da minha filha. E das amigas dela. Ela ama você, você sabe. Embora eu não saiba por que?

— Eu compro seus livros e brinquedos em uma base regular, — eu disse, sentindo-me profundamente cínico. Por que uma criança deveria se importar comigo era de fato um mistério.

— Você quer dizer que eu compro seus livros e brinquedos em uma base regular e você assina os cartões, — Diana me corrigiu.

— Eu pago por eles! E como vou saber o que uma menina de oito anos deveria estar lendo? Ou qualquer outra pessoa, pelo que você está dizendo. Parecia mórbido e patético, até para mim mesmo.

— E é por isso que você realmente precisa de um ajudante. Talvez este Kevin funcione. No retrato, ele é um sonho. E em pessoa, bem, até mesmo uma lésbica pode apreciar a beleza estética de um pequeno menino gay como uma gracinha. E ele não é tão jovem quanto parece. Vinte e quatro. Você parece ter trinta anos, então não há uma diferença tão grande. Se vocês se derem bem, talvez ele possa ser sua introdução de volta ao mundo gay. Talvez mais...

— Então, você é meu cafetão agora?

— Eu sou um agente. Eu sou cafetão de todos.

— Eu não estou tomando o sangue dele. A menos que ele doe através de nossa clínica. E eu não vou dormir com ele!



— Tsk! Tsk! — Foi tudo o que ela respondeu quando saiu. Ela geralmente tentava fechar a porta do meu escritório suavemente. Mas para a minha audição de vampiro, sempre soava como uma batida.

E assim, eu não tive escolha a não ser entrevistar essa pessoa chamada Kevin no meu escritório no Dia das Bruxas. Era isso ou ouvir Diana reclamar por semanas. Como minha carreira despencava cada vez mais...

O jovem não era o que eu esperava. Especialmente como ele cheirava bem. Como um dia fresco de primavera. O que eu percebi que era seu desodorante.

Mas havia algo mais - uma sugestão de madeira de cedro, um toque de algo quente e floresta... Aquele era ele sozinho e não um aroma adicionado.

Diana o levou para o escritório e depois desapareceu, fechando a porta atrás dela. De alguma forma, a presença do jovem encheu meu escritório, enquanto ele caminhava cheio de confiança e sentou-se, sentando casualmente na cadeira estofada na frente da minha mesa como se fôssemos amigos de longa data, em vez de um candidato a emprego e seu potencial empregador.

Eu estalei meus dedos duas vezes para conseguir um –olhar- melhor. Eu podia sentir formas assim, mas não muito mais. Apenas capturando sua cabeça virada na minha direção o que foi, sem dúvida, uma surpresa antes que eu perdesse a sensação dele novamente. Então, se o rosto dele era bonito ou medonho, eu não sabia dizer. Ele era apenas um esboço mental que minha mente criou a partir do som. Pelo menos ele não fez nenhum comentário



sobre o que a maioria supunha ser um tique nervoso. Diana às vezes advertia meus convidados sobre isso. Talvez ela o tivesse avisado.

— Bonito quarto. Mas não o que eu esperava. Profissional ao invés de gótico. Exceto pelos fantasmas e bruxas brilhantes? Em vassouras? Eu vejo que você ama o Halloween também. É o meu feriado favorito. Mas por outro lado, você fingir que é um vampiro é muito bom. Você certamente assume o papel. E você parece estar na porta da morte. Você realmente precisa de um pouco de sol, — disse ele. Então parei, reconhecendo pela primeira vez que eu estava franzindo a testa pelas suas palavras. Presumi que minha carranca era tão intimidadora quanto me disseram que era - quando eu queria que fosse.

— Eu folheei dois de seus livros na noite passada, — ele deixou escapar rapidamente, como se ele só estivesse parando para respirar e tomar uma xícara de chá. — O primeiro e o mais recente. Embora eu deva dizer, um autor cego de romances de vampiro - não parece um trecho de um de seus livros? — Ele agiu como se continuasse uma conversa que ele começou comigo em sua cabeça enquanto esperava no corredor antes de Diana apresentá-lo.

Sua voz era meio jovem, mas não infantil. Nem tão alta nem muito profunda. Nenhum traço de um dos sotaques americanos mais proeminentes. Lógico, já que parecia que ele veio do sul de Michigan, das partes do currículo que Diana havia lido para mim, tentando fazer com que eu me interessasse. Era uma voz estranhamente agradável.

Mas seus modos eram tão desconcertantes quanto seu cheiro. E quando me levantei da minha mesa para cuidar de algumas gentilezas adequadas,



estendendo a mão para apertar sua mão, chutei meu pé contra a o canto da mesa e quase tropecei.

Isso nunca tinha acontecido antes, eu conhecia de cor cada centímetro da sala, mas mesmo assim quase tropeço...

— Você é cego! Você é mesmo cego! Deus, desculpe-me! Eu achava que essa parte fazia parte do personagem para atrair os otários e que você tinha que continuar fingindo no anúncio. Eu nunca... — Sua voz soou quase em pânico. — Eu pensei que seus olhos eram meio engraçados. Eles mal se movem...

— Eles são de vidro, — eu disse a ele. Eu poderia ter deixado ele cavar um buraco maior para si mesmo, mas tive pena. — Eu tenho sido cego desde 1215 AC, — eu disse. Divertia-me dizer-lhe a verdade.

— Se minhas melhores amigas não me tivessem traído com Simon de Montfort, eu poderia não ser cego, mas também poderia não estar vivo hoje, — acrescentei. Não tinha sido um momento feliz.

— Bem, eu sei que é besteira. Oitocentos anos? Me der um tempo. Você pode estar cego de verdade, mas você não é realmente um demônio sugador de sangue!

— Você não quer este trabalho? — Eu perguntei a ele. Foi uma pergunta sincera. Ele parecia estar fazendo tudo errado, o suficiente para arruinar qualquer chance que ele tivesse de impressionar qualquer chefe normal.

— Eu suponho que se você está contratando alguém para ficar com você o tempo todo, você vai querer deixar seu cabelo preso, por assim dizer, e parar



de fingir toda essa porcaria sobrenatural. Você não pode querer interpretar vinte e quatro horas. Então, eu estou apenas deixando você saber que estou bem com você sendo um cara normal em um terno de vampiro e maquiagem branca, e não uma pessoa carente que você precisa constantemente impressionar.

Ele respirou fundo e depois falou: — E se você é tão louco que acredita realmente ser um vampiro, de verdade, então não tenho certeza se quero trabalhar para um cara maluco, mesmo que ele seja cego. Embora eu suponha que eu possa tentar... — ele acrescentou, como se percebesse o que havia dito.

— Eu não esperava a parte cega. Mas está tudo bem. Sem problemas. As pessoas dizem que eu leio muito agradavelmente em voz alta. Eu costumava fazer isso para minha mãe muito antes dela morrer. E eu posso anotar todos os recados.

Eu me vi sorrindo. Havia um desafio aqui. E eu estava pensando que isso seria chato.

Bem, já fazia um tempo desde que eu tentara impressionar alguém como esse jovem idiota. Para quebrar sua certeza burguesa na normalidade da vida. Isso me lembrou da primeira vez que conheci Eddie.

Eu decidi que ia fazer Kevin acreditar que eu era um vampiro. Contaria a ele toda a história. Forçá-lo a reagir ao meu mundo antes de eu lidar com ele e expulsá-lo. E, por outro lado, se estivéssemos de fato destinados a nos tornar companheiros, era justo que ele conhecesse seu chefe.

Isso seria divertido.



— Sente-se e ouça, — pedi. E ele instantaneamente obedeceu, não por qualquer poder vampírico em minha voz, mas porque eu acho que ele percebeu que poderia estar estragando a entrevista.

— Você deve saber que eu nasci...

— Na Transilvânia! — Ele deixou escapar, como se estivesse ajudando. — Sim. É de onde todos eles vêm, não é? Vampiros? Eu vi os filmes. E eles nos fizeram ler *Drácula* no ensino médio, que era chato em partes, mas muito melhor do que *David Copperfield - que* chorão!

Mordi o lábio e continuei.

— Eu nasci como homem em uma vila assustadoramente inócua que se tornaria a França. — Eu não vou entrar nos detalhes chatos da minha vida humana... Basta dizer que eu não era particularmente ruim ou um homem particularmente bom. Minha relutância em me casar e minhas predileções, que não podiam ser satisfeitas em um lugar com menos de sessenta almas, finalmente me mandaram fugir para a cidade grande e murada mais próxima logo após a morte de minha mãe. Eu tinha a idade em torno de trinta anos, mais ou menos - os camponeses realmente não tinham muita noção dos aniversários.

— Foi no outono de 800 Anno Domini quando aconteceu, a cidade estava abrigando temporariamente a corte itinerante de Carlos Magno. — Foi lá que tive meu primeiro romance com outro homem. Bem, eu não posso chamar isso de romance. Era apenas sexo com um jovem nobre da casa de Carlos Magno. Que lacerou minha garganta no final e me secou, deixando-me em um beco para expirar.



— Os habitantes da cidade me enterraram e eu acordei três dias depois em minha peculiar forma de ressurreição. — Se eu não fosse sobrenaturalmente forte até então, e não necessitasse de oxigênio para respirar, talvez nunca tivesse conseguido sair do terreno empedrado que endurecera como rocha, com uma chuva e depois com uma geada muito forte.

— Eu tentei encontrar meu criador. — Mas ele e a corte haviam se mudado para outro lugar, e eu não tinha como seguir. Nem, sensatamente, considerando como ele me tratou, seja qualquer motivo que tenha tido para isso. Eu estava francamente com medo de que ele de alguma forma conseguisse me matar de verdade se eu aparecesse.

— Depois disso, aprendi a me alimentar e a ser cuidadoso. Felizmente, sendo um rapaz de fazenda, e um bom frequentador da igreja não me tornei um assassino, eu não tinha escrúpulos sobre a prática em animais e arruinar o pescoço de incontáveis gados antes de eu me atrever a saborear um macho humano. Depois disso, nunca voltei aos animais, pelo menos não até depois de ficar cego.

— Mas tudo isso é bastante comum entre os vampiros. — História simples. Nós apenas vivemos mais do que os homens mortais. Dificilmente uma vida ruim, mas não distinguida por nenhuma grandeza. Na verdade, eu era um pouco hedonista demais e dificilmente me interessava pelo resto do mundo. Até que me encontrei no final do século XII, juntando-me ao culto cátaro. Atraído pela primeira vez na minha vida para estar com outros seres humanos em uma base diária.



— Ah, os cátaros. Movimento político, culto religioso. Vítimas de uma violenta cruzada contra eles no coração da França, liderada pela Igreja e instigada pelo rei francês, que os via como uma afronta ao seu poder. Traição e captura. Um conto muito longo e sórdido.

— Você não pode imaginar como era naquela época. Embora para mim, na época, parecesse o auge da civilização. Se alguma vez houve um Camelot, então foi Languedoc antes do Papa chamar sua cruzada. A heresia albigense, como eles chamavam, era como uma lufada de ar fresco na alma de uma Europa depravada e violenta. Homens e mulheres que viviam como iguais...

— Eu não vou entrar em detalhes, mas até eu, um vampiro, fui abraçado calorosamente pelos albigenses. — Para eles, sustentar minha vida foi uma gloriosa afirmação de sua dedicação ao abandono do luxo corporal. Um serviço de sangue que os enfraquecia e os levava a um reino espiritual que nem o jejum conseguia administrar. Eles me chamaram de anjo negro e me ungiram como um dos escolhidos.

— De início, admito que me alimentava de suas ilusões, mas, assim que conheci todos eles, suas ilusões tornaram-se minha fé também. — Não a parte sobre sua versão de Deus, mas sobre a bondade de suas almas e a comunidade que eles criaram. E quando os melhores deles não resistiram, lutei por eles em seu lugar.

— Mas suponho que o momento decisivo da minha vida, depois de ter sido transformado em vampiro, foi quando as forças que oprimiram meus amigos cátaros e me capturaram e cegaram. — Pois apesar dos meus poderes sobrenaturais e de todos os meus esforços para deter os cruzados, o castelo e a



pequena cidade murada nos arredores de Fanjeaux, nos quais eu estava abrigado, foram atacados e invadidos por Simon de Montfort e seus asseclas. O ano era 1215.

Sabíamos que ele era um fanático por sua matança de mais de cem cátaros na aldeia de Minerve no ano anterior. Ele queimou aqueles que não se retrataram, mas poupou aqueles que abandonaram sua heresia e juraram sua fidelidade à Igreja e à Coroa.

— Bem, a nossa não era uma aldeia pequena, mas um castelo. — E embora a verdadeira elite cátara se recusasse a lutar, eu e os menos santos entre o nosso grupo não tinham tais escrúpulos, sabendo qual seria o nosso destino se não apresentássemos resistência. E nós tínhamos espadas e armaduras entre nós para formar um bando de cavaleiros.

— Não importava. — Eu me encontrei acorrentado. Apesar dos meus melhores esforços e meus talentos, eu nunca fui realmente um soldado. Alguém nos traiu e os conduziu ao castelo na noite após nosso primeiro sucesso em repelir um ataque contra nossas muralhas.

— Fui obrigado a assistir os outros serem queimados. Meus amigos, meus amantes, meus companheiros... homens, mulheres e até mesmo crianças que seus pais haviam aprendido a dizer duras palavras contra a Igreja e abraçar a heresia. Crianças que não sabiam que falavam sua própria morte no planejamento dos pais, vítimas de um fervor religioso tão mal e violentas, quanto àquelas que os matavam.

— Eu estava perfeitamente disposto a me retratar com as outras pessoas sensatas do nosso grupo, esperando que com a liberdade eu pudesse montar

algum tipo de resgate dos outros. — E certamente, eu não iria morrer por uma religião reconhecidamente mais agradável, mas ainda assim insana. Mas alguém especificamente me traiu também. Eles sabiam o que eu era. E eles me queriam muito. Vivo e cativo.

— O poder deles está nos olhos deles. — Observe e aprenda - avisou o arcebispo.

— Eles empurraram um jovem servo em direção a mim enquanto eu estava pendurado em correntes que até mesmo a minha própria força sobrenatural não poderia quebrar. — Eu era um prisioneiro especial. O único que não haviam abatido quando tomaram o castelo cátaro em que eu escolhera para ficar com todos os meus amigos mortais - hereges que a Igreja Católica condenara. O próprio Simon de Montfort viera testemunhar meu interrogatório. Eles sabiam o que eu era. Não era apenas um cátaro qualquer - mas o próprio diabo.

Eles deram ao camponês uma grande faca de entalhar. Eu tolamente pensei que era para que ele pudesse se proteger contra mim. Eu era ingênuo, idiota, tão convencido da minha própria superioridade que caí alegremente em sua planejada demonstração.

— Então, claro, capturei o olhar do jovem e me fundi com sua jovem alma inocente. Em um minuto, fiz com que ele me amasse. E ao fazer isso, uma parte de mim o amava. Em instantes, ele girou e agarrou De Montfort pelo braço, a faca contra sua garganta.

— 'Liberte-o!' foi a última coisa que o menino disse.



Ainda me lembro do sorriso do arcebispo enquanto ele assentia com a cabeça, e o guarda que esperava atrás de Montfort e o menino abaixou sua maça cravada com toda a força possível sobre o crânio do jovem.

— Ele explodiu como uma abóbora e até minha sede de sangue parou pela poça de sangue que sua cabeça se transformou. — E pela tristeza da morte totalmente desnecessária. De alguém, que eu tinha chegado a amar, pelo menos um pouco, por mais rápido e artificial que tivesse acontecido.

— Sem mencionar o fato que eu ainda estava acorrentado. — E ainda morrendo de fome.

— Entende, por que, temos que estudar esses demônios? Eles não podem ser contidos. Não pode ser alimentado ou estudado com segurança se eles não estiverem de alguma forma domados. É por isso que eu te disse para não olhar diretamente nos olhos dele. Meu plano é o único som. Você está de acordo? O arcebispo era conhecido tanto por ser um estudioso quanto um homem de Deus. Mais azar para mim.

De Montfort resmungou. Ele era um homem de poucas palavras. Provavelmente porque ele era um homem de poucos pensamentos além de estuprar mulheres, torturar hereges e arrasar castelos.

— Essas criaturas curam muito rápido, — continuou o arcebispo. 'Mas a prata é um anátema para eles. Você vê esse teste. Ele removeu as amarras da minha mão esquerda. Colocando uma moeda sob minha mão o que me trouxe um silvo de dor.



— *Assim como* Sangue Verdadeiro*!* Kevin sussurrou, aparentemente encantado. E eu o parei com o que teria sido um olhar abrasador, se eu tivesse algo diferente de olhos de vidro, e continuasse...

— 'Durante três dias a moeda ficará pressionada contra a sua carne', acrescentou o arcebispo, 'queimando-a negra sob o seu toque. — Mas, eis que preciso apenas removê-lo. Ele fez, e o momentâneo alívio abençoado foi subitamente superado pela dor ainda mais ardente enquanto minha pele lutava desesperadamente para curar.

— E curou, antes que seus próprios olhos percebessem. — Até meu próprio corpo traía meus segredos para esses homens e não havia nada que eu pudesse fazer sobre isso.

— Curado em apenas alguns instantes, uma vez que a prata se foi. Mas note, descobri que as feridas causadas pela prata tendem a cicatrizar — disse o arcebispo Montfort. — Algo que não acontece com o ferro ou bronze, mesmo queimando, impedem a inversão total.

— Ah, agora vejo seu plano! — Simon de Montfort se virou e sorriu para mim com maldade. — Quase chamei a atenção dele, mas depois ele se lembrou de si mesmo e se virou.

— Você pode ver. Mas logo a besta não o fará. — O arcebispo soltou uma risadinha quase infantil e procurou em suas vestes uma pequena caixa de madeira de cerejeira envernizada.

Abriu-a para revelar um par de olhos prateados, brilhando com íris esmeralda que brilhavam à luz das tochas.



— Isso é um absurdo, — disse de Montfort. — Por que eles foram feitos para parecer tão bonitos? É quase blasfêmia colocá-los em um demônio. Muito menos o custo - essas esmeraldas!

— Foi um mal-entendido. Eu tive que dar ao ourives uma desculpa para querer uma tarefa tão estranha para o meu Senhor. Eu disse a ele que era para uma estátua de São Jorge derrubando um dragão. Ele pensou em impressioná-lo com sua arte e colocou as pedras preciosas por conta própria - um sinal de sua estima - e um suborno para comissões futuras, eu acredito.

— Ele estava certo. Eles são quase bons demais para desperdiçar com essa criatura. Mas se eu devo olhar para esses olhos falsos por quanto tempo o mantivermos, então poderia ser com tanta beleza.

— Concordo, Senhor, e lembre-se, quando terminarmos, você os receberá de volta - um pouco de lavagem, um pouco de polimento...

— Sim, Sim. Eu vejo seu ponto, sua santidade. Prossiga...

— E então o torturador arrancou e queimou meus olhos com o pôquer de ponta vermelha.

— No meio disso, eu me livrei de uma das algemas de ferro em meio a minha dor e desespero antes de me baterem e me segurarem. O inquisidor e seu assistente forçaram minhas pálpebras a se abrirem das minhas tentativas de mantê-las fechadas contra a dor, e então a agonia se agravou quando empurraram primeiro um e depois o outro dos falsos olhos prateados em meus olhos.



— Mesmo acima do cheiro da minha própria carne queimada, eu podia sentir o fedor de Montfort e do bispo que ainda estava lá na masmorra, ambos me observando enquanto seus servos faziam o pior.

— A maldita prata continuou a queimar o interior dos meus olhos e impedir que meus olhos se curassem. Meu corpo tentou de novo e de novo me devolver minha visão. Mas logo não havia mais nada além de nervos mortos e cicatrizes atrás do meu novo olhar cego e esmeralda. Depois de várias horas desse tormento, meus próprios olhos nunca mais puderam se regenerar. Pelo menos, depois de uma semana, acorrentado e isolado em minha cela, não pude mais sentir uma pontada de dor nas esferas de prata amontoadas em meu crânio. Foi o único alívio que eu podia sentir.

— Eu os tenho embalados em uma caixa, como lembranças terríveis. Diana me diz que eles são de fato muito bonitos à sua maneira, as íris primorosamente esculpidas, com uma incrustação central de uma única lasca de esmeralda circular em cada uma. Eu não posso concordar ou discordar. Quando eles foram revelados pela primeira vez para mim, eu admito que estava me concentrando mais no sangue vermelho ardente, de repente, sendo movido para mais perto do meu rosto do que as pequenas bolas de prata nas mãos do Inquisidor.

— Eu não posso tocá-los sem queimar meus dedos. O tecido cicatricial permanente que os rodeava nas órbitas oculares por tantos anos ainda pode me fazer sentir dor, então, suponho, se alguém os colocasse de volta com cuidado, eu poderia satisfazer sua curiosidade sobre como eles realmente pareciam no lugar.



— Eu prefiro os olhos de vidro que eu uso agora. Dizem que eles parecem muito naturais, e quando os tenho, há uma estranha sensação de vazio acima do meu nariz, um que é aliviado e de alguma forma resfriado sempre que os coloco de volta no lugar.

— Quando de Montfort morreu alguns anos depois - infelizmente não pela minha mão, mas nas mãos das mulheres de uma cidade que ele estava tentando arrasar, que tinham uma mão má com uma catapulta - a Igreja me manteve prisioneiro por quase duzentos anos. Eu não sei o quanto fui torturado e testado para obter informações para capturar e matar outros vampiros, mas o único orgulho que eu tenho nesse caso é que qualquer informação que meu corpo deu sobre o limite e as agonias que minha espécie poderia e não poderia suportar, eu nunca dei a eles nenhum nome útil.

— Eu dei a eles nomes daqueles da minha espécie que eu sabia que já estavam mortos. E a de um vampiro louco que estava tão cheio de sede de sangue que suas matanças de inocentes tinham se tornado lendárias - eu gosto de pensar que os ajudei a rastreá-lo. Ele estava há muito tempo na minha própria lista de vampiros para colocar permanentemente no chão.

— Eu só sei que o monstro assassino de crianças de La Bastide-l'Évêque foi morto dentro de algumas semanas de minhas informações. E dei a eles os nomes de três dos apoiadores de Montfort - os que tinham sido mais ativos no massacre dos cátaros, meus verdadeiros amigos e companheiros humanos. Eu não sei se eles foram executados, mas pelo menos eu poderia esperar que eles foram colocados em algum medo extremo e uma quantidade significativa de dor ao longo de seu interrogatório.



— No momento em que eu escapei tantas décadas depois, depois de afiar meus outros sentidos secretamente ao ponto em que eu era capaz... bem, o que veio depois e depois é uma história longa demais...

— Isso é uma história e tanto, — disse Kevin. — É do seu próximo livro?

— Meu próximo livro?

— Bem, quero dizer, você ainda acha que eu vou acreditar que você é realmente um verdadeiro vampiro? — Eu posso não parecer, mas eu sou um nerd completo, e eu sou considerado um dos melhores. Eu estou em quatro guildas de fantasia on-line e me apresentei em teatros do *Hobbit* em nossa feira local do Renascimento - com orelhas pontudas e próteses de pés peludos. Mas eu nunca esperei que alguém acreditasse que eu viesse da Idade Média.

— Embora houvesse um jovem atleta que quase me convenceu depois de várias articulações e um quinto de Jack Daniels. — Ele disse que sempre quis foder um hobbit e eu estava mais do que disposto a aceitar.

— Você não acredita em mim?

— Tudo bem. Se for necessário para o trabalho, eu vou felizmente acreditar em você e ajudá-lo a manter a aparência para todos os outros, no que você precisar. Se você realmente acha que vai vender mais livros... quem sou eu para saber o que funciona em marketing? Eu saí da escola de negócios porque não aguentei...



Levantei-me e caminhei até ele, de modo que fiquei bem na frente dele. Eu não poderia, de alguma forma, ficar longe. Havia algo sobre ele que me atraia... E eu estava determinado provar a ele que eu falava a verdade. Ele era tão arrogante. E tão jovem.

— Eu acho que Diana estava certa. Ela disse que você pode ser diferente. Tome minhas mãos, — eu disse. E foi incrível para mim que ele não questionou nenhum instante, e imediatamente obedeceu.

—Feche os olhos e se concentre no meu toque. — Quando eu o puxei gentilmente para perto, eu enviei, minha essência, em direção a ele, puxado pela concentração dele, e a firmeza do nosso toque quando minhas mãos tentaram tocar seus cotovelos. O calor de seu corpo ardia em minha direção quando a distância se tornou meros centímetros entre nossos rostos.

A aura incipiente de sua excitação na minha proximidade estava agora ecoando a minha. Seus dedos de alguma forma tocaram meu rosto, com um toque gentil e ousado. Eu mal podia acreditar que esse toque suave por si só estava me alimentando com tal vida e desejo. Era apenas carência por estar sozinho durante tanto tempo - com certeza isso e nada mais.

— Respire profundamente, — eu disse.

— Canela, — ele sussurrou. — Isso é bom, — acrescentou ele, enquanto eu enviava meus sentidos fluindo lentamente para ele. Então ele arqueou e ofegou e de repente eu fui puxado de dentro de mim e engolido.

Meus olhos se abriram - eu olhei em choque - e vi - eu mesmo. Uma visão que eu não via há mais de oitocentos anos e, depois, apenas em espelhos deformados, escudos polidos e poças refletidas. Eu estava me segurando,



olhando para mim pelos olhos do jovem Kevin, vi o mundo, da cor, do brilho, maravilhando-me de uma só vez, vendo como há muito tempo atrás - tão claro. As decorações de Halloween espalhafatosas contra os painéis escuros do meu escritório. A lareira chamejante com minha coleção de estatuetas dançantes antigas de porcelana francesa sobre o consolo da lareira... E então eu estremeci e me encontrei dentro da minha própria escuridão profunda mais uma vez. Embora as imagens espalhadas ainda brilhavam dentro do meu cérebro.

— Uau! O que foi isso? Kevin suspirou e quase caiu para trás dos meus braços. — Eu tenho que sentar, — disse ele e tropeçou em sua cadeira.

Concentrei-me e, por um momento, não pude apenas -senti-lo- — na sala. Eu podia sentir a localização de tudo ao meu redor. Quase como se eu pudesse realmente ver. Como uma lembrança de um quarto depois que as tochas são apagadas. De modo algum os reflexos pálidos dos meus ecos. Mas de alguma forma sólida, real...

Então, tão rapidamente quanto meus sentidos queimaram, eles diminuíram. E a visão se foi.

Eu nunca me senti assim antes, tão ligado a outra pessoa. Eu só vislumbrava um gosto depois de uma alimentação quase letal e só depois de um sexo particularmente exaustivo.

— Eu devo estar com gripe ou algo assim, — disse Kevin. — Eu estou completamente tonto. Mas ah!... isso foi... legal.

— Você está sem casa, — eu disse de repente. — E você está desesperada por esse trabalho e veio para cá desejoso de fazer sexo comigo para conseguir



o emprego, mesmo que a foto na parte de trás dos meus livros fosse totalmente mentirosa e eu fosse medonho e gordo, fedendo e velho.

— Porque duas noites atrás você se vendeu por cinquenta dólares e uma cama e jurou que nunca se venderia tão barato de novo, mas se venderia se precisasse de algo como esse emprego. Apenas para voltar a depender de si mesmo. Por quanto tempo...

— Merda! Como você sabe disso? Ele deu um pulo. Meu novo e estranho sentido dele estava desaparecendo, e eu apenas ouvi e senti o ar mudando e o brilho de seu calor sobre a minha pele quando ele se moveu.

Eu fui em sua direção e falei. — Eu realmente não sei. — Eu só... te segurei.

— Cristo! O que você é? Um psíquico?

— Não. Apenas um vampiro. Isso nunca aconteceu comigo. Emoções, mas nunca com tanta clareza, mesmo depois do sexo e do sangue. — E então percebi que, para minha surpresa, eu estava sendo muito sincero. Algumas coisas eram... privadas.

— Sim. Eu quero esse trabalho. Eu preciso desse trabalho mais do que qualquer coisa, — Kevin deixou escapar. — Mas... agora... é mais do que isso. Prove para mim que você realmente é um vampiro! Por favor! Eu preciso saber.

Eu me aproximei.

— Você vai me morder? — Ele perguntou. E eu nem precisei de nenhum senso aguçado para sentir o medo em sua voz.



— Eu nunca mordo sem consentimento, a não ser em autodefesa. — Eu só me alimento de sangue doado. Se você aceitar este emprego e não estiver disposto a doar sangue... e não fazer nada além de atuar como acompanhante e conselheiro como foi anunciado, vou me contentar com meu suprimento normal de sangue. De qualquer forma, tenho certeza que não quero me arriscar a me alimentar diretamente de um humano novamente. Não importa o que Diana ache que seja bom para minha carreira... então você não precisa se preocupar com isso.

Fui sentar-me atrás da minha mesa, todo profissional agora. Admito que parei uma fração de segundo antes de me sentar, só para ter certeza de que não havia mais decorações encobertas ali.

— Eu possuo uma empresa de biotecnologia que compra sangue humano desatualizado dos bancos de sangue. — É uma prática padrão da indústria para colher componentes de pesquisa. Eu tomo a minha parte de sangue e tenho alguns ensacados em refrigeradores.

— Eu admito que o gosto é chato e metálico. Como cerveja derramada do barril e deixada sem limpar por muito tempo. Mas é bom o suficiente para me manter vivo e funcionando. Muito melhor do que quando eu tinha que me alimentar de sangue de cavalo ou gado, e às vezes até de ovelhas ou porcos, quando eu não tinha ninguém que estivesse disposto a me doar.

— Também administramos uma pequena clínica e pagamos 'voluntários' para doar sangue. — Eu não participo disso com muita frequência, no entanto. Há menos perguntas se o novo inventário desaparece do que quando



Diana recebe alguém para nos dar sangue envelhecido pronto para ser descartado como lixo hospitalar das geladeiras do laboratório.

— No meu aniversário, Diana sempre insiste em me encontrar uma prostituta disposta. Se eu tomar meu tempo, ainda posso conseguir glamour o suficiente pelo meu toque e minha respiração para fazê-la pensar que foi apenas uma noite um pouco bizarra para o qual ela bebeu em excesso.

— Sangue feminino? Mas eu pensei que você fosse... quero dizer... — Eu podia sentir o calor do rosto dele se projetando através do espaço de três metros entre nós.

— Eu sou de fato o que eles chamam de homossexual, ou mais recentemente, gay. Você está certo. Eu geralmente só bebo sangue feminino porque se eu bebo o sangue que vem de um homem, ele geralmente se agita... De alguma forma, isso gera muitas lembranças. Lembranças que eu quero esquecer.

— Então, se você bebeu de mim diretamente...?

— Eu começo a chorar ou a foder cegamente. Ou talvez os dois. E depois disso... talvez eu não fosse capaz de parar e pudesse te matar. Embora eu não quisesse. — Eu tentei fazer soar uma piada.

— Bem, eu sou bastante versátil, — disse Kevin, seu tom insinuando um sorriso em seu rosto. Mas ainda havia medo. Mas agora misturado também de excitação.

Quem era esse jovem estranho e milagroso?



— Você é certamente mais bonito do que qualquer um. — As contracapas não lhe fazem justiça. E eu tenho que admitir que eu achei seus livros intrigantes. — Ele disse de repente, — Eu nunca pensei que eles pudessem ser reais! Que qualquer um poderia ter uma vida assim - juntos para sempre.

— Oh, querido, — eu disse. Soando como uma velha de uma geração distante.

— Meus livros são uma porcaria. — Eu não pude evitar - havia raiva na minha voz. — Quase nada disso é verdade. — A realidade sempre fica no caminho do romance. Como ter que ir ao banheiro no meio de fazer amor.

— Se eu te mordesse, por exemplo, sem colocar você sob meu domínio - algo que não posso mais fazer completamente, porque sou cego, exceto pelo contato físico extenso e uma forte dose de confiança psíquica, ou por ficar chapado. Da sua mente - você se sentiria como se tivesse sido mordido no pescoço por um mastim de touro.

— E a lenda sobre vampiros novatos correndo soltos, alimentando-se fora de controle - não é porque eles são mais sanguinários. Eles simplesmente não sabem como comer corretamente. Eu aprendi como não... rasgar... chegar a uma veia adequada que não vai fechar no minuto em que eu começar a chupar. Meus dentes têm sucções que mantêm o sangue fluindo, mas são tão afiados e afilados que quando eu me retiro, se tiver cuidado, o fluxo de sangue rapidamente se fecha.

— Um novato faminto simplesmente acaba roendo de novo e de novo até atingir uma artéria depois de destruir todas as veias. Não há buracos cirúrgicos perfeitos como nos filmes para eles. E se nós estragarmos a



alimentação, não podemos para um sangramento melhor do que alguma pessoa aleatória na rua.

— Você não pode colocar compressão completa no pescoço de alguém sem sufocá-lo até a morte ou esmagar a traqueia, especialmente se você for tão forte quanto eu. E não há cura mágica da ferida, mesmo quando ela é feita da maneira correta, além de um pedaço de antisséptico, uma grande bandagem adesiva e um pouco de tempo. É por isso que uso sangue doado.

— Diana fornece minha puta de aniversário com uma sacola de panela muito boa para que ela sinta menos dor, um pouco de valium e uma agulha de calibre dez presa à tubulação de plástico para eu chupar. Se a dama da noite não estiver desmaiada na hora que eu vou, então ela certamente não está sentindo muito a picada de agulha que desliza em sua jugular. E ela está calma o suficiente para manter o sangue fluindo.

— Assim. o que você está me dizendo é que todo ano a sua agente traz uma caixa de suco para o seu aniversário.

Eu fiquei parado por um momento. Chocado.

— Você é... bastante... notável, — eu disse. — Ou são todos os twinks modernos como você - tão corajosos e tão sinceros e tão... imperturbáveis?

Droga. Ele me chamou de twink . Ele é cego como um morcego e ainda está me chamando de Twink! — Bem, foda-se, vampiro!

Eu senti ele se levantar para sair...

— Espere... me desculpe. Não vá! Você é um filhote de urso ou um atleta ou uma lontra ou uma rainha Nellie em vez disso? Diana continua me dizendo



que eu deveria estar melhor com todos esses termos, mas eles são muito novos para minha mente assimilar quando eu conheço as pessoas que ela descreve como uma ou outra.

— Agora Torquemada tinha razão - um sodomita gerado por Satanás. Isso é algo que todos podem entender.

— Você quer dizer se controlar, — disse Kevin. E, para meu espanto, ele avançou, se aproximando da minha mesa. E então mais perto. E eu me vi de pé para enfrentá-lo.

— Eu... — Mas então ele colocou as duas mãos em minhas nádegas. Seu toque fluiu para fora dele como chama e de repente havia cores piscando dentro da minha escuridão, rajadas de luz que devem ser como os fogos de artifício descritos para mim em um estrondoso dia 4 de julho, quando Diana e eu "assistimos" ao distante rio Potomac do meu telhado em Georgetown.

Então Kevin recuou. Aparentemente, desta vez, talvez desde que ele era o instigador, isso não o afetou tanto quanto a mim.

— Você não está com medo de dizer a alguém que você é um vampiro? Eu sei como isso funciona... Eu vi os filmes.

De suas palavras, ele deveria ter soado assustado. Mas ele não estava.

— De uma forma ou de outra, eu tenho dito aos meus fãs que sou um vampiro por quase vinte e cinco anos. Você acha que alguém vai ouvir quando você tentar dizer a eles que eu sou um vampiro 'verdadeiro'? Eu recebo cinco ou dez cartas por mês insistindo nessa mesma história de fãs dedicados que têm certeza do meu segredo. Diana e eu rimos muito delas.



— Existem até sites dedicados ao fato de eu não estar fingindo. Você pode, talvez, enviá-las por e-mail e se tornar um dos seus blogueiros regulares, se você escolher. Ou até mesmo participar de escrever a fan fiction onde eu apareço como meu próprio eu - Drácula. Eu mesmo escrevi uma ou duas histórias nesses sites, por diversão. Anonimamente, claro.

— Então, aquele de Montfort, o Arcebispo e os Catamitas...

— Cátaros... — eu corrigi.

— Isso realmente aconteceu?

— Sim.

— Então, você é um pouco de lorde inglês. Você conheceu Shakespeare?

— Inglês. Não! Estamos falando francês...

— Eu não sei muito sobre a França medieval. Apenas Marie Antoinette? Ela era uma vampira? Foi por isso que eles pensaram que tinham que cortar a cabeça de todo mundo?

— Medieval... Marie... — Fiquei chocado. Qualquer atração que ele pudesse ter levantado em mim recuou tão rapidamente quanto meus sentidos recuaram para a escuridão quando parei de tocá-lo. Comecei a fazer mais e mais perguntas e descobri que sua ignorância não era uma forma irônica de fingimento, mas profunda e verdadeira.

Kevin não sabia nada de história, literatura ou cultura além de sua própria esfera limitada. Uma afeição mútua por *O Senhor dos Anéis*, da qual ele preferiu as versões cinematográficas aos livros, não foi suficiente para neutralizar as discrepâncias em nossa educação.



— Mas isso não é o que você precisa de mim, — ele protestou quando eu apontei suas deficiências como uma razão pela qual esse arranjo nunca iria funcionar.

— Não seja um esnobe, e reconheça que o que você precisa é de alguém que não esteja mergulhado em seus velhos livros e história empoeirados, mas é parte do agora que você está tentando se envolver. Eu sou ignorante de coisas, mas não sou idiota. E eu sei mais sobre ciência e cultura modernas e sobre o funcionamento do mundo real do que você jamais pode imaginar antes que tudo mude em outros cem anos. Você precisa de mim.

— Se isso alimenta seu ego pensar assim, então, por todos os meios, finja.

— Pare de falar besteira. Quem mais você acha que vai aceitar tudo isso e continuar disposto a trabalhar com você?

— Não é possível. Eu estava errado em guiá-lo. — Não apenas por causa da disparidade de nossa experiência e educação, mas ainda mais porque eu estava começando a ficar um pouco assustado com o efeito que esse estranho total estava tendo sobre mim. Eu não sabia se poderia manter meu autocontrole. Um problema mortal para um vampiro. Ou pelo menos mortal para aqueles ao seu redor.

— Dê-me uma chance de provar que posso trabalhar como seu assistente — implorou Kevin. — Para mostrar a você que sou exatamente o que você precisa. — Ele avançou para tentar me tocar de novo, talvez percebendo o quanto isso me afetou antes.



Eu recuei na hora certa, não querendo ser seduzido pela luz e pela cor para deixar esse "twink" na minha vida.

— Como você vai se provar? — Eu perguntei, movendo-me atrás da mesa para ganhar alguma distância.

— Saia comigo para Bangcockx, hoje à noite. Não fique tão confuso. Certamente, pelo menos você sabe o nome de um dos melhores bares gays da cidade! É Halloween. Noite de discoteca. Todos em fantasia. Comemorando, — disse ele.

— Eu desprezo o Halloween.

— Sua casa, seu escritório e as três lanternas na varanda, com teias de aranha de algodão penduradas sobre cada arbusto do lado de fora como neve, dizem o contrário, mas sim, se você quiser fingir.

— Mas isso é diferente. Vou mostrar a você que posso ser sua passagem para o mundo moderno. Eu vou te mostrar um maldito bom momento. E você pode colocá-lo em um de seus livros e talvez alguém acredite que veio da vida real em vez de uma imaginação ferida.

— Você quer dizer distorcida, — eu disse, entristecido por seu lapso na linguagem básica.

— Eu disse ferido e eu quis dizer isso. Porque vampiro ou não, centenário ou não, você é o cara gay mais fodido que eu conheci desde que eu me conheço por gente. E isso quer dizer muito.

— E esta é sua tentativa de se tornar meu empregado? — Insultos e desprezo?



— Se você quiser que alguém redigite seus livros com gíria do google moderno que provavelmente foram usadas no tempo que o marido de Hillary foi presidente, então você teria que obter outro candidato para o serviço de secretariado.

— Eu lhe disse que li dois de seus livros para me preparar para essa entrevista. — Bem, eu menti quando disse que gostava deles. Embora eu não goste muito de romance de ficção, eu tenho que dizer que são algumas das piores coleções de clichês e cenas e personagens - pelo menos, sempre que você se afasta das coisas excitantes e do mistério que você invade. Essas coisas não são ruins.

— E seu detetive vampiro é legal e eu me deitaria com ele. — Mas quando foi a última vez que você fez sexo? Nossa. Só porque você joga em alguns - fode e não faz a mecânica de um boquete interessante. E eu sei como colocar uma camisinha, muito obrigado.

— Eu defendo o sexo seguro... eu vivi a crise e...

— Eu não estou dizendo que você tem que escrever um hino para barebacking ou PrEP.[1] Mas, caramba, suas cenas de sexo são como um programa de TV com narrador e uma descrição do posicionamento adequado das partes do corpo, com o vampiro no clímax comendo quase tão romântico quanto uma descrição de como a viúva negra morde a cabeça de seu companheiro quando eles terminaram de cruzar, porra...

[1] Sem Camisinhas & Injeção de Prevenção



— Saia comigo esta noite. — Eu vou te mostrar o mundo real novamente. O Mundo de hoje. Seu futuro está lá fora agora. Pare de viver nos anos 80. Quando foi a última vez que você realmente saiu e teve uma chance.

— Isso não é-

— O que diabos você tem a perder? E eu realmente preciso desse emprego, e mesmo que eu não consiga, nunca tive a chance de festejar o Halloween com alguém que tivesse dinheiro. Então saia comigo pelo menos por caridade? Me deixe bêbado! Um pouco humano - ou vampiro - por bondade, mesmo se você for me expulsar e eu não conseguir um emprego quando tudo acabar? É Halloween. Me ajude a comemorar.

Eu sabia que estava sendo manipulado. Ainda assim, algo sobre a voz e os modos do jovem era tão atraente. Mas não ia funcionar. A idade e a divisão cultural eram muito grandes. E meu medo dele é grande demais.

Eu imaginava um colaborador maduro e atencioso, uma versão humana de mim mesmo, um estudioso e alguém refinado e polido... Não... isso. Francamente, eu estava imaginando o amante perfeito - outro Eddie.

E, no entanto, o cheiro de Kevin do outro lado da sala era inebriante. Fazia muito tempo desde que eu tinha estado tão perto de um homem humano tão jovem... e sim, desejável. Deus, já faziam quase trinta anos desde que eu fiz sexo? Foi por isso que o efeito dele sobre mim foi tão profundo? Poderia alguém tão jovem me conceder esse tipo de vida?

Mas ir a um bar gay no Halloween? Eu não poderia imaginar fazer uma coisa dessas. Não sozinho. Não depois de todos esses anos. Mas essa era a questão, não era? Eu não estaria sozinho.



— Mas Bangcocks, realmente? De todos os lugares. Não é apenas um nome ridículo, está em uma das piores partes da cidade. Não poderíamos ir a um bar do DuPont Circle? — Perguntei, sem acreditar que estava negociando em vez de pensar em fazer essa insanidade.

— Mas é a Noite do Disco! Uma festa de Halloween extravagante! E eu conheço um dos barmen lá. Ele não vai controlar as bebidas quando ele vê que você está comigo. E não há cobertura!

— Bem, não é de admirar. Desde que eu ouvi que é um lixo. E tem havido muitos assaltos naquela parte da cidade. E podemos até pegar um táxi para nos levar até lá? A menos que você tenha um automóvel e consiga estacionar? — Perguntei.

— Eu ter um carro? Mesmo que eu pudesse pagar um após a minha última e velha lambreta quebrada, não há estacionamento em qualquer lugar nesta cidade estúpida sem pagar caro. Parecia um ponto dolorido com ele.

— Não precisamos ir a algum lugar barato, — lembrei a ele. Estou pagando. Podemos pegar um táxi... Tentei persuadi-lo, a limitar os parâmetros dessa loucura que eu aceitei.

— Podemos pegar o metrô. Andar o resto do caminho. Dê a você toda a experiência de vida noturna de DC. Onde está seu senso de aventura? Bangcocks é ótimo. E além disso, economize seu dinheiro para toda a bebida que eu vou colocar na sua conta.

Eu podia sentir a excitação nele crescendo, aquecendo-o, estendendo os meus sentidos, espalhando um entusiasmo contagiante através de mim.



Mesmo quando reconheci a artificialidade dos sentimentos transferidos, descobri que ainda gostava disso. Que eu não sentia nada assim há anos.

— Tudo bem, — eu decidi. — Volte hoje à noite. Talvez nove horas?

— A menos que você me leve para jantar primeiro, sugiro dez horas ou mais tarde. Nada vai acontecer até então. Como não é um bar Dupont, nem haverá a multidão padrão de solteiras no safári, na esperança de conseguir um melhor amigo gay.

— Dez então, — eu disse. E com isso, eu concordei. Como diabos eu tinha concordado?

Ele apareceu na porta, precisamente às nove e meia da noite. Eu odiava as pessoas que chegavam cedo demais, mas ele tinha uma desculpa viável. Aparentemente, nós tivemos que vestir a fantasia. E Diana lhe dera os fundos e as instruções para o figurino de um ator local. Kevin enfiou uma sacola de roupas na minha mão e perguntou se eu precisava de alguma ajuda para me vestir.

Se eu precisaria de ajuda ou não, eu, é claro, recusei, peguei a bolsa e subi as escadas em direção ao meu quarto. Kevin usou o escritório para se vestir.

A maior parte do traje era bastante fácil de vestir. Era simplesmente, na sua maior parte, uma forma um pouco exagerada de roupas normais à noite. Pelo menos, de acordo com a sensação e a breve descrição que Kevin me deu.



A camisa, um cetim escarlate, muito inchado com uma franja na frente e nos punhos, e com uma gravata preta de fita cruzada. A jaqueta e as calças eram aparentemente pretas. Senti uma tira de cetim no lado de fora de cada perna da calça. Presumivelmente preto. Eu esperava pelo menos, que fosse preto. Se fosse vermelho para combinar com a camisa, eu ficaria parecendo um palhaço com roupas formais. Pelo menos não havia uma faixa, mas sim um cinto estreito e uma fivela superdimensionada com a cara de algum tipo de animal esculpida. Provavelmente um lobo, pelo toque dos meus dedos. Ou talvez um morcego?

Meus únicos problemas reais eram as abotoaduras. Em forma de pequenos crânios. Incapaz de coloca-las sozinho, já que elas eram tão pequenas, eu estalei meus dedos sobre elas várias vezes para confirmar, pelo reflexo sonoro, a extravagância de uma boca escavada e as órbitas sorridentes nas joias. Meus dedos eram estreitos e eu era extremamente hábil como um vampiro. Mas combinar os buracos e lidar com o tecido inchado ao redor dos pulsos quase me levou a uma fúria de frustração.

Eu odiava abotoaduras. E então eu me lembrei. Outro Halloween há tantos anos atrás.

— Aqui, deixe-me ajudá-lo. — E o toque das mãos de Eddie sobre as minhas, pegando as abotoaduras e agarrando meu pulso. Segurando os punhos da camisa enquanto ele as apertava. Sua cabeça se inclinou sob minhas narinas enquanto ele se concentrava. Senti o cheiro de seu cabelo novamente depois de todos aqueles anos, como se ele estivesse no quarto comigo. O fantasma dele. Ajudando-me a me vestir. Não porque eu precisasse



de ajuda. Mas porque ele queria. Porque ele sempre gostou da intimidade ... tanto que eu não podia contar as vezes que começamos a nos vestir ... e acabamos nunca saindo. Tirando as roupas que já tínhamos vestido, ansiosos demais para ficar nus, entrelaçados nos braços um do outro e caindo em direção à cama.

Naquele último Halloween que tivemos juntos ele me ajudou. Como tantas vezes antes. Mas então ele parou no meio de abotoar minha camisa. Ele ficou tão silencioso. Ele colocou as mãos suavemente ao redor do meu pescoço, como se quisesse me beijar. Ele era tão baixo. Mas ele não fez. E nós não nos movemos em direção à cama.

Em vez disso, ele me disse que tinha ido ao médico. E a tosse não era um resfriado e aquela descoloração da pele que eu não consegui ver, mas só sinto... Foi o começo daquela nova pneumonia que os gays receberam. As novas protuberâncias em sua pele não eram algum tipo de erupção. Mas o sarcoma de Kaposi. Ele havia sido diagnosticado com AIDS.

Ele acabara de descobrir naquela manhã. E ele não queria interferir em nossa última comemoração antes de me contar as novidades... Mas ele não conseguiu evitar. Ele tinha que me dizer.

Nós ficamos naquela noite. Mas em vez de fazer amor, nos abraçamos com força. E Eddie chorou. Dizendo que ele não queria me deixar tão cedo... que ele sabia como era antes de eu conhecê-lo, e ele não podia suportar me deixar sozinho assim. Tão cedo. E ele não queria morrer. Não quando pensamos que teríamos pelo menos muitos anos antes de perdê-lo. Como todos os vampiros devem perder os que amavam.



E agora, ele tinha ido embora por tantos anos que às vezes eu raramente pensava nele, e um ou dois dias se passaram antes que eu me lembrasse dos meus dedos no rosto dele, seus lábios nos meus... e me senti culpado por ter esquecido. Mesmo por um momento. E mais culpado ainda que minha culpa fosse um remanescente pálido da agonia que tinha sido antes. E eram apenas lembranças repentinas e avassaladoras como essas, que raramente me recordaram o que perdi. E, mais importante, de quem ele tinha sido.

Eu nunca tinha visto o rosto dele. Eu só sabia que ele era loiro porque ele me disse. Mas lembrei-me de muito mais. Lembrei-me do cheiro dele, o som de seus passos e sua respiração na noite. A batida de seu coração e o calor de segurá-lo com tanta força que às vezes ele dizia que não conseguia respirar... quando eu queria puxá-lo para mim e fundir-me a ele como um só. E então havia o gosto de seu sangue doce como néctar de flores quando ele voluntariamente se entregou a mim. E o gosto de sua masculinidade quando ele veio...

Fiquei momentaneamente oprimido pelas lembranças, então me sentei na cama tentando entender as coisas. O que eu estava fazendo indo a um bar gay com um estranho? Hoje à noite, de todas as noites, eu deveria estar lembrando Eddie, não esquecendo dele desse jeito. Eu não deveria terminar com o luto.

Mas então houve uma batida na minha porta. Eu estava tão absorvido em meus próprios pensamentos que levei um momento para perceber que era Diana no corredor. Batendo rápido.



— Se apresse. Kevin está esperando no escritório. E eu trouxe Bettie. Ela insistiu que ela tinha que ver todas as decorações e contar tudo sobre o seu lote de doces e as festas que fomos antes de ir para casa e ir para a cama. Se você esperar mais tempo, já passou da hora de dormir, e responsabilizo você pelo que minha esposa zangada vai dizer.

Eu me levantei e estremeci do seu humor. Bethany sempre teve uma maneira de colocar as coisas em perspectiva para mim. Sua mistura infantil de egoísmo e altruísmo sempre foi uma maravilha para mim. Mesmo de sua infância. Eu tinha certeza que ela estava ansiosa para me ver -tio Dan.- Assim como eu estava igualmente certo de que ela sabia como pedir para me ver era uma das poucas desculpas que permitiriam que ela ficasse acordada mais uma hora ou duas depois da hora de dormir.

— Você é assustador, — ouvi Bethany admoestar Kevin com o desprezo infinito de uma criança de sete anos enquanto eu seguia Diana de volta pelas escadas...

— Jovem, você obviamente não teve muita experiência com crianças, não é mesmo? — Diana perguntou a ele incisivamente quando chegou ao patamar e entrou no escritório.— Fazer caras engraçadas e brincar de esconde-esconde com um recorte de lanterninha de borracha pode trabalhar quando eles têm três anos. E no caso de Bettie, não poderíamos nos safar com esse tipo de coisa depois de dois anos.

— Eu tenho quase oito anos, — disse Bethany intencionalmente. — Eu não sou mais uma porcaria de criança.



— Bethany Angelica Martinez-Stanton. Modere a sua linguagem, mocinha.

Eu quase podia sentir o calor de Kevin corando do outro lado da sala.

— Oh tudo bem. Mas todo mundo diz porcaria. Eu não acho que seja uma palavra ruim. Não é como se eu tivesse dito merda.

— *Bethany*!

E, de repente, minha afilhada se juntou em gargalhadas altas quando ela ouviu Kevin dar uma risada de tudo. E eu sabia que, apesar de um começo difícil, um pouco de ligação havia começado. Pena que Kevin não iria ficar mais tempo. Eu não podia deixá-lo ficar... Eu me apressei em despedidas e o puxei em direção à porta. Não querendo que ele ou Bethany se aproximassem.

O bar gay não era nada como eu me lembrava. Talvez apenas porque tinha ido lá há muito longo. Ou talvez fosse apenas um lixo, e era bom que eu fosse cego.

Eu quase podia ver os corpos quentes balançando ao meu redor, sentindo seu calor através da minha pele e nas minhas bochechas. O cheiro de cerveja, suor, urina e até um pouco de porra na calça de algumas pessoas ... e então uma gritaria de pessoas na pista de dança que agiam como uma mini-explosão, o cheiro quase bloqueou todo o sentido do olfato daquela direção em um onda pungente.

Eu primeiro aperfeiçoei meus sentidos para florestas escurecidas depois que fiquei cego e finalmente escapei. Eu caçava veados e coelhos pelo sangue,



e depois caçava gados perto de vilarejos vazios, e depois vagabundos errantes que acordavam de manhã atordoados com um pescoço dolorido e vários dias de cansaço por perda de sangue, nunca sabendo ou lembrando o que aconteceu. Exceto talvez em pesadelos.

Mas esta... essa multidão de pessoas abafou todos os meus sentidos remanescentes ao ponto em que eu estava tão cego por ser sobrecarregado quanto um homem com visão, saindo da escuridão total para a plena luz do sol.

Foi tanto que, mesmo sentado em segurança na minha cadeira no bar, eu estava quase com medo quando Kevin anunciou sua necessidade de usar o banheiro. Levou apenas alguns minutos a sós com mais da violenta sobrecarga sensorial enquanto a música mais uma vez tocava bem alto "It's Raining Men"[2] e as vozes e os corpos ao meu redor preenchiam todos os meus pensamentos, eu estendi a mão, desesperado por um lugar calmo, procurando Kevin com minha mente.

E então, de repente, eu estava lá. Cavalgando dentro de Kevin sem sequer perceber como isso aconteceu. Como se eu fosse de alguma forma ele.

Eu não pude acreditar. Eu podia ver de novo - foi por acaso, mas aparentemente um milagre repetível. Eu vi o rosto bonito de Kevin no espelho do banheiro salpicado de ouro. E apesar do meu choque em ter a visão de novo, consegui perceber o quão bonito ele era.

Kevin era baixo, pelo menos em comparação com outros homens. Ele estava barbeado, com olhos azuis brilhantes com sardas por todo o nariz

[2] Esta Chovendo Homens



ligeiramente arrebitado. Ele parecia tão jovem que eu mal podia acreditar na suavidade de sua pele enquanto seu braço passava na frente de seus olhos enquanto ele ficava em frente ao espelho e tentava endireitar o boné verde emplumado que tinha despenteado seu cabelo vermelho. E ele ajustou o gibão verde e meias que compunham seu traje para a noite.

O dinheiro que Diana lhe dera por um aluguel de fantasias certamente havia sido bem gasto.

E então senti a urgência lá embaixo, uma que eu não sentia desde que me transformara. Kevin pulou para cima e para baixo com um chinelo verde de um pé para o outro, até que um urinol atrás dele estava finalmente livre, e ele foi capaz de mijar. Ele olhou para seu próprio pênis, não disposto a arriscar contato visual com alguém em um bar gay, quando ele não estava pensando em cruzar, com estranhos. E então aconteceu...

Eu não só vi sua masculinidade, eu realmente senti na minha mão como se fosse minha. Mas não era, realmente, não meu, e esse era o problema... porque ao senti-lo, meu membro há muito adormecido começou a se elevar em atenção e desejo. Como se de alguma forma estivessem ligados, o pênis de Kevin no banheiro também inchou e senti sua descrença. Então ele assobiou.
— Foda-se!

É esse tipo de bar gay, eu o senti pensando, e o cara olhando do mictório para o seu agora parecia muito interessado em sua reação desagradável.

O jovem sorriu e começou a estender a mão, fixando o contato visual dando um sorriso com dentes ligeiramente abertos.



— Desculpe, — Kevin disse e recuou, mexendo nas calças. — Você não! Eu... viagra... Merda! — ele gritou quando seu zíper beliscou uma pitada de sua de pele.

E eu senti isso!

Enquanto Kevin corria do banheiro, percebi seu aborrecimento momentâneo por ele não ter tido a chance de lavar as mãos. E então uma raiva cega para mim me expulsou.

— Droga, Danton, — sentou-se ao meu lado e quase gritou, como se a música estridente pudesse ter escondido sua voz, mesmo que ele sussurrasse. — Eu não me importo com o quanto você me paga se você me contratar, mas se isso vai funcionar assim - se você vai querer 'seguir comigo' no futuro, você tem que me dar um pouco de privacidade. — E me avise primeiro! Não me seguindo até o banheiro para me ver mijando... muito menos... bem, eu não me importo se você gosta desse tipo de...

— Merda?

— Bem, exatamente. — Eu não estou... eu definitivamente não estou, — ele falou.

— Eu cresci em um mundo onde ninguém tomava banho e todo mundo mijava ou fazia suas necessidades ao ar livre, — eu disse. — No minuto em que a era do banho regular começou, eu nunca quis voltar atrás — ...e quando sabão e sabonete entrou em moda foi como um presente de Deus, tanto quanto eu estava preocupado... Eu não acho nada sexy sobre o desperdício humano. Então, você não precisa se preocupar com qualquer tipo de torção... ou sobre sua privacidade novamente.



— Na verdade, sinto muito. — Foi mais ou menos um acidente. Eu estava um pouco desconcertado de estar aqui sozinho entre todos... isso... — Eu acenei com a minha mão. — Eu só estava me perguntando se eu podia sentir você tão longe. — Apenas por segurança. E de repente... bem, lá estávamos nós.

— A propósito, você é muito bonito, você sabe. — Diana não lhe fez justiça quando descreveu você...

— Ela descreveu... Merda! — Então ele se levantou. — Vamos. Se você vai nos fazer ficar com tanto tesão, pelo menos vamos tentar resolver isso. — E ele me arrastou para a pista de dança.

Como era noite do Disco, os movimentos de tantos anos atrás despertaram em meu corpo, e os passos em voltas que Eddie cuidadosamente me treinou, porque ele amava muito dançar, voltaram à vida em mim, como se de alguma forma eles nunca tivessem ido embora.

Logo Kevin estava rindo como um louco enquanto dançávamos, cada vez mais rápido, e eu não conseguia parar de rir. Eu não me diverti tanto desde... bem, eu não conseguia nem lembrar.

Apesar de tudo, peguei Kevin e dei meia volta, esquecendo minha força no momento da melodia esquecida de "Last Dance[3]" e deixando-o tonto e ofegante com a selvageria do giro. Eu me vi beijando seu pescoço quente e macio enquanto as rodadas ficavam mais apertadas e nós estávamos juntos. E minhas presas estendidas.

[3] Última Dança



— Calma! — Ele tentou se libertar e eu cedi, não pela força do fraco empurrão de Kevin, mas pelo pedido dele.

— Cristo, deixe-me ver essas coisas. — Fiquei paralisado, quando ele pediu, e senti o dedo de Kevin delicadamente massageando meus dentes, cutucando corajosamente meus incisivos. Eu lutei contra o desejo de repentinamente morder e me perguntei o que a multidão ao nosso redor estava pensando. Apesar de eu ter presas provavelmente só estavam pensando que era uma fantasia de Halloween um pouco mais realista do que o habitual. Vestir a capa e a roupa antiquada que Kevin tinha trazido deve ter me feito parecer um vampiro adequado.

O próprio Kevin, como ele havia me dito, estava vestido como uma mistura entre Peter Pan e Robin Hood. Era uma visão bastante arrojada, pelo menos daquele flash de visão que eu tinha conseguido no espelho do banheiro.

Fazia tanto tempo desde que meus sentidos haviam me dominado. A lembrança do que vi era impossível de ignorar - e o resto, tudo era demais. Eu não tinha certeza se tinha algum controle de mim, apesar de, ou talvez até por causa da multidão, pressionando cada vez mais perto enquanto o bar se enchia.

Nossa luxúria um pelo outro era contagiante. E o cheiro do seu sangue e das pessoas e a batida coletiva dos seus corações eram muito mais fortes na minha cabeça do que a batida mais dura da discoteca dessa noite nostálgica. E através de tudo, a intoxicação de Kevin ao meu lado e em meus braços.



Eu não estava esperando nada assim, senão teria me saturado em um litro ou dois de sangue ensacado primeiro, em vez de apenas um litro. Mas então percebi que não era apenas a fome que eu estava sentindo, ou melhor, não do tipo que queria comida.

Então os dedos de Kevin traçavam os contornos dos meus lábios com círculos delicados, deslizando sobre a umidade, alcançando-me mais e mais, de modo que o formigamento se tornou tudo o que eu podia sentir e quando o dedo do jovem tocou a umidade da minha língua. Eu quase estremeci.

Então os dedos se foram e minha cabeça foi puxada para frente. E nós estávamos nos beijando. E a língua de Kevin acariciou minhas presas como seus dedos acabaram de fazer. E então nós engolimos um ao outro em um momento que silenciou todo o mundo ao meu redor e me fez verdadeiramente cego para todos, menos para esse jovem.

E então me libertei rapidamente, virei a cabeça de Kevin para expor melhor seu pescoço, e com uma mão na boca, num movimento instintivo para parar os gritos, mordi a jugular com toda a força de três décadas de abstinência. Mas Kevin não gritou, arqueou-se, em vez disso, e contraiu um orgasmo selvagem que correspondia aos meus próprios desejos loucos. E o sangue que escorria pela minha boca era como um calor ardente quando ele escorregou para dentro da minha carne e me encheu com a força da vida que eu há tanto tempo me negava. E minha mente explodiu... e descobri que pude ver mais uma vez!

Pisquei e me vi pela segunda vez naquele dia, a fileira de garrafas iluminadas no espelho atrás do bar e uma multidão de homens gays se



reunindo ao redor de nós, aplaudindo o que eles achavam que era o maior RPG de Halloween que eles já tinham visto num bar. Eu estava vendo através dos olhos de Kevin novamente - me vendo puxar para trás com a boca sangrenta da minha comida frenética!

— Ai! — Eu coloquei minha mão no meu pescoço e senti a umidade e a dor. — Merda! — Então caí para trás, com a perda de contato, a escuridão voltou sobre mim e Kevin e eu nos separamos.

— Que diabos foi isso? — Kevin perguntou quando a visão subitamente se acalmou. E quando meu mundo diminuiu para o que eu conhecia. — Droga. Meu pescoço...

— Cristo! Eu gozei na minha calça! Mas esta não é minha calça! Quero dizer, é alugada... Que diabos foi isso, com certeza! Eu nunca... — Ele mal conseguia falar com sua respiração pesada... e por seu tremor. — Ah Merda. Ela esta molhada e todos podem ver. Vamos sentar... por favor... Jesus Cristo!

— É assim que as garotas virgens se sentem quando fazem sexo pela primeira vez? Está começando a doer um pouco. E eu estou sangrando. Droga. Eu aluguei esta camisa também. O cara da loja de fantasias vai me matar! Você tem um lenço, pelo menos? A menos que você possa lamber e parar, como fazem na televisão?

— Deixe-me... — Eu estendi a mão e pude sentir o seu pescoço, onde eu lambi o sangue que logo iria parar. Minha lambida não ajudaria tanto - não iria curar magicamente - mas eu não suportaria deixar as últimas gotas de sangue secarem e serem desperdiçadas.



Era como ouro líquido e luz do sol do passado distante sobre a minha língua. Sua salinidade e o gosto glorioso da pele de Kevin em meus lábios quase me fizeram cair duro novamente.

Mas consegui me controlar, forcei minhas presas e, em seguida, enrolei um dos meus lenços de linho com monograma e pressionei-o na ferida.

Mesmo na escuridão, eu podia imaginar os buracos das minhas presas e entre eles a linha vermelha pressionada dos meus dentes intervenientes que não teriam quebrado completamente a pele. Nada que não curaria rapidamente. Muito do conhecimento estava certo.

E certamente não haveria nenhuma infecção. Eu não era realmente humano depois de tudo. Não mais. Mas a dureza do meu pau contra a minha calça de alguma forma desmentia esse fato. Fiquei espantado por ter sido capaz dessa excitação. Fazia tantos anos... e com um pouquinho de sangue humano extra para energizar o licor adormecido que era meu.

Mas o que quer que tenha acontecido certamente não satisfez a plenitude da minha necessidade - não tanto quanto Kevin. Eu queria mais. E não apenas sangue.

— Você conseguiu o emprego. Você não precisa fazer isso de novo. Eu quero que você tenha absoluta certeza disso. Você começa depois de amanhã, se você quiser.

— Droga! Eu sabia que você veria que tenho razão! Kevin me abraçou, tentou me puxar da cadeira e ficou tão excitado que tentou me girar como se estivéssemos de volta à pista de dança, mas ele não era forte o suficiente.



— Então, você está contratado — repeti. — E o que vou lhe pedir agora não tem nada a ver com os termos do seu emprego ou com seus deveres normais. Eu...

— Eu acho que sei o que está por vir... — Kevin começou.

— Eu quero te levar pra casa e te foder. E talvez me alimentar um pouco mais. Mas só se você estiver disposto a isso. Só se você quiser.

— Cristo, se eu quiser? Você em trinta segundos acabou de me dar o melhor sexo que eu já tive em minha vida por apenas mordiscar meu pescoço em uma pista de dança pública, e você me pergunta se eu vou deixar você me foder? Claro que sim! Apesar de admitir que, em algum momento, eu gostaria de dar uma virada e transar com você.

Eu não sabia o que mais me assustava. A vontade de Kevin, ou que alguém me pedisse para me foder.

— Uh, mas eu sempre fui... quero dizer, eu nunca fui... Eu sempre fui a pessoa que...

— Oh, dê um tempo! Mesmo se você for um top imortal e duradouro, não vai te machucar desistir do seu rabo apertado e duro. Eu não sou tão grande assim. Você pode não ter experiência, mas eu juro que você não se importará... e eu também gosto de ficar no topo. E eu estive olhando para sua bunda a noite toda, sempre que sua capa desliza para o lado, e depois que eu a devorar, vou querer transar com força.

Com seu sangue humano revigorando minhas veias agora, eu sabia que não podia esconder o rubor. Não era de admirar que meus livros fossem

muito castos para as massas, se foi assim que reagi quando me pediram para transar na vida real.

— Bem, talvez... nós possamos. — Embora eu não tivesse certeza que poderia fazer isso.

— Se eu estiver perto de você por muito tempo, tenha certeza, não é só possível. — Nós vamos. Senti o poder do sorriso de Kevin através das pontas dos meus dedos enquanto continuava a acariciar suas bochechas.

Eu não tinha percebido que ainda estava tocando nele. E que, enquanto eu mantinha contato, meu mundo parecia um pouco mais brilhante - embora não fosse a visão real. Isso parecia uma esquisitice, uma coisa mais rara. E eu não tinha certeza se minhas percepções extras estavam aumentadas pelo toque, ou se eram apenas as emoções despertadas em mim por estar com esse jovem e de alguma forma experimentar o sangue dele.

— Vamos embora, — ele sussurrou no meu ouvido. — Há uma longa noite à nossa frente. E precisamos pegar o último metrô.

Meus olhos de vidro lavados não têm receptores de luz remanescentes, então minha chamada "visão" é uma combinação de sensação de infravermelho na minha pele, especialmente meu rosto, e usando meus ouvidos para uma espécie de eco localização. Infelizmente, estava chovendo quando saímos do bar. As gotas de chuva suave e frescas enchendo o ar faziam tudo parecer invisível aos meus ouvidos, com os sons silenciosos.



Isso me fez sentir nervoso. Às vezes, pensava ter ouvido passos atrás de nós, quase como se alguém estivesse nos seguindo enquanto descíamos a rua do bar. Mas então eles desapareciam no tamborilar da chuva e eu sabia que estava enganado.

Kevin se recusou a nos deixar pegar um táxi. Ele insistiu que caminhássemos até o metrô mais próximo e aproveitássemos a chuva. Nós tivemos tempo suficiente para pegar o ultimo trem, ele disse.

— Você vai ter que pagar para comprar essas fantasias, de qualquer maneira, — disse ele, rindo. — Eu não vou devolver uma camisa ensanguentada e meia-calça suja para aquele velhinho de quem eu aluguei isso. Então, não importa se nós os molhamos. Eu amo a chuva!

— E quem se importa se este é um bairro ruim. — Nenhum espancador gay vai me pegar quando eu tenho um grande e mau vampiro aqui para me proteger!

Ele pegou minha mão - era estranho segurar a mão de outro homem em público. Eu nunca tinha feito uma coisa dessas antes. Ele deliberadamente começou a correr como um louco me levando junto com ele. Com o seu toque, meus sentidos pareciam inflamados.

Antes que eu percebesse, ele estava me girando com ele em torno de um poste de luz, e começou a cantar sua voz jovem e agradável... Algo bobo... que percebi depois de um momento que era a musica de um filme musical que eu ouvira há muito tempo, sobre cantar e dançar na chuva.



E percebi o quanto ele estava bêbado. E muito provavelmente um pouco sobre mim, como se eu estivesse tendo um estranho efeito de euforia sobre ele também. E me senti culpado.

— *Eu estou cantando por aí... eu sou... lá... lá... lá... lá,* — ele continuou, deixando-me ir para que ele pudesse girar com mais liberdade. E eu não pude deixar de sorrir. — *Estou com tesão pra caralho e estou... lá... lá... lá... lá...* — Ele deve ter improvisado, porque as palavras não pareciam me lembrar de nada.

Ele estava tão distraído que eu balancei a cabeça para liberá-lo quando o deixei ir enquanto ele dançava sozinho agora. Ele resmungou sua canção como um sapo pulando em uma poça, enquanto ele parecia estar perdendo sua voz. Eu pensei ter ouvido mais passos no meio da rua, mas logo a chuva voltou a silenciar meus sentidos.

Kevin me levou até a entrada de um beco sem saída, a chuva ecoando nas paredes por todos os lados. Eu estava encostado na parede de tijolos enquanto ele parava de cantar, mas não sua energia quando ele veio para cima de mim desesperado, um pouco bêbado - de sua parte – me beijando. Meus sentidos despertaram ao tocá-lo. E mesmo assim, de alguma forma, beijá-lo fez tudo ao nosso redor desaparecer.

Então os passos soaram mais perto em meus ouvidos. O fedor de seres humanos atingiu minhas narinas, corrompendo o cheiro da pele doce de Kevin. E momentos depois, os homens, que deviam estar nos seguindo do bar - eu era tão idiota! - estavam se aproximando, até que fosse tarde demais para fugir. Pelo menos não com Kevin, uma âncora mortal e infeliz ao meu lado.



— Oh, merda, — Kevin murmurou, quebrando minha concentração enquanto eu tentava sentir melhor o perigo que se aproximava. — Há três deles e um deles tem um pé de cabra. Espere, Jesus. O outro acabou de pegar uma faca. Se dermos o nosso dinheiro, talvez...

Mesmo com a chuva, eu podia sentir as batidas do seu coração. Talvez porque estivéssemos tão próximos e tão sintonizados. Não era como se eu pudesse ver de novo - isso parecia uma raridade incontrolável. Mas todos os meus sentidos pareciam duas vezes mais fortes do que normalmente eram, apenas pelo efeito dele parado ao meu lado. De suas emoções intensas sendo derramadas em mim.

— Você não pode simplesmente nos levar até o topo de um prédio e nos tirar daqui? — Kevin perguntou. Eu senti o nervosismo irradiando dele.

— Eu sou um vampiro, não o Super-homem! — Eu disse e me coloquei na frente dele.

— E eu não sou a porra da Lois Lane, — ouvi Kevin murmurar, enquanto ele se preparava para a batalha apesar de seu medo. — Pode vir!

Eu soltei seu braço e meus sentidos extras estavam desaparecendo enquanto o crescente pânico de Kevin tirava sua sensibilidade da minha mente. Mas eu ainda tinha alguns truques restantes na manga.

A chuva havia diminuído o suficiente para eu ouvir vagamente os movimentos dos ladrões. E eu só tive que respirar profundamente para localizar os movimentos separados pelo hálito embriagado e fedor de axilas vindo dos três homens desagradáveis diante de nós. Então, pelo menos eu sabia onde cada um estava e quando eles estavam se aproximando.



Eu não podia sentir muito do calor de seu corpo debaixo de suas roupas encharcadas. E eu tive apenas uma momentânea impressão apressada de sua ameaça, talvez exagerada, quando kevin me avisou antes que seu crescente medo tivesse expulsado meus sentidos. O que eu senti agora, o que eu ouvi, foi como mover sombras em minha mente, meros ecos quando eles voltaram para a escuridão total da minha falta normal de visão. E claro, o cheiro.

Os sentidos que me restavam não eram suficientes para satisfazer meu desejo de visão. Nada para comparar o que eu milagrosamente compartilhei com Kevin mais cedo naquele dia e noite. Mas eles eram bons o suficiente para me manterem vivos durante séculos de escuridão antes que a policia moderna e uma mudança significativa na cultura do crime tornasse as cidades noturnas um pouco mais seguras. Especialmente após o advento das lâmpadas a gás e depois das luzes elétricas. Pois embora eu não pudesse vê-los, os vermes da noite geralmente tinham medo de serem vistos.

Mas parecia que bêbados ainda estavam por toda parte. E assim, aparentemente, eram homofóbicos. O casamento gay e direitos transgêneros estavam irritando a sociedade humana.

— Malditos viados. Se beijando! — Um deles com mau hálito disse em desgosto. E então os três atacaram.

Por um momento tive pena deles antes de atacar. Eu me movi para frente, afastando a minha capa encharcada para melhor liberar meus movimentos e estalar os dedos de ambas as mãos repetidamente para esclarecer seus locais. Mesmo uma faca e um pé de cabra não fariam muito

dano contra um vampiro que estava acostumado a se defender, mesmo cego, contra espadas e marcas de fogo.

Eles não eram páreo para as minhas habilidades. Tudo o que eu tinha que fazer era tê-los ao alcance. E embora eu fizesse o meu melhor para impedi-los de chegar perto de Kevin, eu não contava com sua coragem louca. Duas vezes tive que empurrá-lo para fora do caminho enquanto ele corria para tentar "me salvar" de um golpe.

Os bastardos podiam me machucar - senti dor, infelizmente, como todo mundo. Uma faca no ombro dói como o inferno. Mas eles não podiam realmente me prejudicar. Não a menos que os nós dos dedos, ou a faca, ou o pé-de-cabra fosse feitos de prata, o que obviamente não eram.

Mas eu poderia machucá-los e os danos certamente seriam permanentes. Quebrando ambos os braços, aquele com a faca parou; uma perna quebrada fez isso pelo homem do pé de cabra; e o terceiro, que só conseguiu em um golpe de sorte me dar um soco e bateu na minha mandíbula, eu simplesmente o joguei em uma lixeira e depois esmaguei a estrutura ao redor dele para que não houvesse escapatória.

Foi mais exercício do que eu tinha conseguido em anos.

Mas mesmo que minha capa tenha sido salva, o resto da minha fantasia estava rasgada e danificada. O cinto foi cortado e uma manga, completa com parte do casaco e abotoadura, foi arrancada. Dois dos meus dedos foram dobrados para trás na direção errada por um golpe de pé de cabra, e eu tive que corrigi-los com uma torção dolorosa.



Kevin deu um pequeno grito horrorizado. E eu percebi que manobrar meus dedos desse jeito poderia parecer um pouco desconcertante para alguém que não percebeu a rapidez com que meu corpo se curou e quão rápido a dor desapareceu.

Por sorte havia pouco sangue das feridas que eu havia dado aos nossos agressores. Parcialmente intencionalmente. Apesar dos meus anos de treinamento, eu sempre tive medo da sede de sangue aumentar quando eu estivesse em uma luta, então aprendi a me defender sem derramamento de sangue sempre que possível.

— Cristo! Você é como o Demolidor sem a máscara! — Kevin disse quando acabou. — Eu nunca vi nada assim, exceto na TV ou no cinema. Você é incrível.

Os homens que estavam meio inconscientes aos nossos pés provavelmente não concordariam, mas senti uma quantidade excessiva de prazer no elogio do jovem.

— Quem é o Demolidor? — Eu perguntei quando compreendi o que ele dizia.

— Uau, você realmente precisa de uma educação! — Kevin disse. — Você reclamou como sou ignorante! Ele é apenas o mais legal herói cego que luta contra o crime na história dos quadrinhos.

— Então, se você quiser desistir desse escrever romance de vampiro, há um modelo perfeito para você. Você poderia escolher uma ótima roupa. Como um vampiro, você teria que manter a capa, no entanto. Isso é um...



— Eu não penso assim, — eu disse e peguei a peça de roupa de onde eu me lembrava de tê-la largado.

— Deus, você parecia como um super-herói mutante, estalando os dedos para eles como se estivesse em uma briga de gangues do West Side Story...

— *Quando você é um vampiro, você é um vampiro todo o caminho, desde a sua primeira gota de sangue, até que eles o afastem*. — Ele começou a cantar para a noite e agitando os braços, um deles me batendo por acidente e então quase caindo. Percebi então como ele estava realmente bêbado e talvez muito afetado pela excitação da luta também. A adrenalina e o medo podem fazer isso para aqueles que ainda são humanos. E minha mordida no pescoço dele certamente não ajudou.

— Vamos sair daqui antes que as autoridades cheguem e façam perguntas indesejadas, — respondi, falando gentilmente com ele, afastando-o do beco e dos homens que gemiam, e nenhum deles corria o menor risco de sentir dor. — Deixe a polícia combater o crime. Eu vou lutar contra a minha tendência de encobrir cenas de sexo em meus livros...

— Mas...

— Vamos para casa, Kevin. Se você puder me direcionar para o metrô. Estou um pouco desorientado depois de tudo isso. — Eu não tinha estado em uma briga real desde um certo incidente na beira da água durante a Lei Seca em 1934. E fazer Kevin se concentrar na direção do metrô iria ajudar a acalmá-lo.

Kevin pegou meu braço então... e minha cabeça quase explodiu das luzes que despertavam dos meus olhos perdidos... Não era a visão de nada

real. Foi como uma terrível dor de cabeça. Mas valeu cada pedacinho de dor quando redemoinhos de cores mal lembradas brilharam em minha mente. Aparentemente nosso estado mútuo de excitação fez com que o efeito que ele exercia sobre mim fosse dolorosamente forte.

Eu estava, de repente, com medo dele. Desta vez... foi demais. Eu estava com medo de me tornar viciado de sua presença, de torná-lo meu escravo porque não ouso deixar isso ir embora da minha vida escura. Todo o egoísmo embutido da minha espécie, adicionado à luxúria e ao egoísmo humano, me fez perceber que talvez eu não pudesse confiar nele.

Ele era um menino, pelo menos comparado a mim. Ele estava me vendo agora como seu protetor. Seu cavaleiro, ou pelo menos vampiro, em armadura brilhante. Percebi então que nunca poderia contratá-lo. Eu tinha que mandá-lo embora. Tolo que eu era para sempre pensar o contrário.

No minuto em que chegássemos em casa, eu tinha que mandá-lo embora para nosso bem porque eu não era herói, mas um predador. E eu o queria agora - e o que ele faz comigo – era demais e poderia nos destruir em meu desejo.

Kevin, claro, não queria nada disso.

Eu poderia facilmente ter ignorado seus protestos e o ter atirado de volta a rua, descendo as escadas e entrando na antiga rua de alvenaria.

Eu poderia ter jogado ele e, assim, eu mesmo, de volta à escuridão. Mas isso me pareceu indelicado. E um pouco injusto. Eu só tinha que de alguma

forma fazê-lo entender... e pegar o dinheiro que eu estava tentando colocar em suas mãos e sair.

— Isso foi um erro. Eu não posso mais ter ninguém na minha vida. Não alguém com quem eu pudesse me interessar. E certamente, não... Não é um espirito mágico cujo toque, às vezes, pode me fazer ver... eu vou ficar viciado...

— Você não entende o que você faz comigo...

— Sua conversa não vai compensar a tentativa de me expulsar. Ou tentando me pagar como uma prostituta.

— Mais uma vez, você entendeu mal. Quando te toco, é como mágica...

Kevin bufou.

— Eu não quero dizer assim. Você amplia meus sentidos. Como uma esponja... absorvendo minha consciência. E então... Quando eu toco você, às vezes... eu posso realmente ver! Você sentiu no bar - eu vi através dos seus olhos. Leve. Cor. A sala. Eu mesmo. Eu pude ver! Você não pode entender o que isso significa para alguém que esteve cego durante a maior parte de mil anos...

Ele ficou lá. Eu podia sentir sua raiva. Mesmo sem tocar.

— De onde você veio? — Eu perguntei. Tentando entender como isso poderia estar acontecendo entre nós.

— Chicago, — respondeu Kevin. — Se é da sua conta.

— Não, eu quero dizer sua família. Eu realmente preciso saber... Como você pode estar fazendo isso comigo?



— Fazendeiros do Minnesota do lado do meu pai, — ele disse, com um pouco menos de raiva. — País do Lago Woebegone. O povo de minha mãe veio durante a fome da batata. Então, pão branco em ambos os lados. Se eu não fosse gay, provavelmente seria o cara mais chato que você já conheceu.

— Então, obviamente, eu não estou de acordo com os padrões de algum vampiro aristocrático francês com uma enciclopédia da história mundial na sua bunda!

— Irlandês? — Eu peguei isso. — Druidas, talvez?

— Dificilmente. — Católico, na verdade. Certo, agora, claro.

— Estou apenas tentando descobrir de onde vem esse poder. — Oitocentos anos, muitos milhares de amantes e alimentações, e ainda assim... nada como o jeito que você me faz sentir.

— As coisas que você diz! Tenho certeza que você me faria corar. Se você não estivesse me expulsando de sua casa.

— Não, não é isso que eu quero dizer. Não é você pessoalmente. Você é obviamente especial. Algo sobre sua herança... — eu protestei.

— Foda-se! — Ele respondeu e começou a andar de volta para a porta da frente.

— Sinto muito, — eu disse. — Isso foi um erro. Fui seduzido pelo que senti quando toquei em você. Isso é injusto para você. E perigoso.

— Eu não vou passar por você com o que eu passei com Eddie... — De repente, eu me vi falando a verdade sobre Eddie. Pela primeira vez em

décadas. Ele precisava saber o que havia acontecido com Eddie. Para entender e ter medo o suficiente para fazê-lo sair.

— Nós éramos amantes. Por cinco anos. O maior amor da minha vida. Tão bobo para dizer isso... E então, em 1987, ele foi diagnosticado com Aids. Naquela época, ainda era uma sentença de morte. Ele queria que eu o virasse antes que fosse tarde demais. Me implorou para transformá-lo como nos malditos romances.

— Mas eu não sabia como. Eu não sabia como me tornei um vampiro. Nenhum dos vampiros que eu conheci tinha imaginado como eles foram transformados além de serem atacados, drenados e acordados depois que eles estavam mortos. — Eu estava achando difícil falar.

— Isso é algo que você precisa saber. É algo que eu não posso te dar... Eu deveria ter te contado desde o começo. Então, não faz sentido ficar por aí, esperando...

— Há muito poucos de nós. Depois de sessenta anos, eu encontrei o vampiro que me fez e ele ficou espantado que ele tinha um 'filho' e se recusou a ter qualquer coisa a ver comigo.

— Eu aprendi que meu tipo sempre tentou trazer as pessoas - e acabou matando-as. Mas todo mundo tem que aprender coisas, não é? — Eu me forcei a continuar falando.

— Eu pensei... bem, talvez seja diferente para mim. Então a primeira vez que isso aconteceu, quando eu tentei transformar alguém que eu gostava muito e falhei, matando-os em seu auge, fiquei tão chocado que nunca mais tentei.



— Talvez seja genético. Talvez um em cada cem, um em mil, pessoas mortas por um vampiro pegam a doença ou o que quer que seja que nos anima. Eu tenho cientistas estudando meu sangue... tentando descobrir o que o torna diferente. Claro, eles não sabem de quem é o sangue - só que é muito, muito estranho.

— Mas talvez a verdade não esteja na ciência, mas na religião. Talvez tenhamos demônios, como algumas pessoas disseram. E não há demônios suficientes para trazer todos de volta, ou eles não vão se apresentar ao nosso comando.

— Quando Eddie morreu, quando eu o matei, jurei que o sangue e o amor nunca se misturariam novamente. E eu mantive esse voto.

— Então, você nunca se alimentou de alguém que amava depois disso... — Kevin disse suavemente, se aproximando da porta.

— Pelo contrário, nunca amei. E eu mudei para me alimentar de mulheres rotineiramente, seja através de anfitriões dispostos, a princípio, e mais recentemente através de doações de sangue, então eu nunca ficaria tentado a fazê-lo novamente na corrida inebriante da alimentação. Que pode atuar como um afrodisíaco. Mas não tanto se você não... não...

— Não gosta de peitos e vaginas?

— Ai! — Eu estremeci. Não ao pensar em partes do corpo feminino, mas na gíria.

— Então, você é um vampiro Sexy? Eu poderia ter sabido. De alguma forma, mesmo cego, pude sentir seu sorriso.



— Mas as mulheres não queriam mais? Quero dizer, os vampiros deveriam estar fazendo sexo, não deveriam? Elas certamente não iriam apenas oferecer seus pescoços para serem mordidos, afinal de contas?

— Felizmente, a hipnose é uma das poucas coisas que os livros e programas de TV acertaram. Então, elas tiveram sua excitação uma vez que eu bebia sangue suficiente. Na verdade, foi assim que tive a ideia de começar como escritor de romances. No momento em que passei anos narrando falsas aventuras sexuais nos ouvidos de minhas refeições, certificando-me de que era isso e não um pescoço doloroso que elas se lembrariam, decidi que era muito bom nisso. E quando os livros de vampiros de Rice se tornaram tão populares, percebi que poderia "sair", e ninguém perceberia – todos acreditariam que era apenas um truque para vender livros.

— Meus livros também eram um pouco populares. Quer dizer 'foram' é a palavra certa. Quando se esquece como costumava ser o amor. Então os romances se tornam descrições mecânicas sem emoções.

— Mas você não esqueceu! Quando você fala sobre Eddie, tudo é real. Eu sei que você se lembra dele e como você o amava. Está na sua cara. Seu rosto pálido. Ele estava perto o suficiente agora que ele estendeu a mão para acariciar minha bochecha.

Eu me virei de lado. — Ninguém gosta de um final agridoce ou trágico. E escrevendo 'Eles viveram felizes para sempre...' Bem, apenas soou cada vez mais vazio depois de um tempo.

— Esqueci a felicidade que Eddie e eu compartilhamos. — Tudo que eu conseguia lembrar era que ele estava morrendo em meus braços. Pensando

que ele iria renascer. Não sabendo que era mentira. Mesmo quando eu esperava em desespero e rezava para qualquer deus que eu já tinha ouvido falar que dessa vez eu teria sucesso. Que ele acordaria para mim.

— Você não pode imaginar como estava naquele quarto de hotel desprezível. Aquele que ele insistiu que alugássemos caso algo desse errado, para que ele não fosse encontrado morto no meu apartamento... Eu o sacudi, tentando acordá-lo enquanto seu corpo endurecia com o rigor e o sangue caia em seu pobre rosto. Ele parecia tão pacífico. Ele parecia adormecido... mas eu não consegui acordá-lo!

Eu não podia acreditar que estava contando a Kevin, essa criança, tudo isso. Mas eu realmente precisava afastá-lo. Talvez isso o fizesse ir.

— De alguma forma, as pessoas descobriram. Eu acho que Eddie realmente sabia que ele não voltaria, e ele disse a outras pessoas que estavam doente o que eu poderia fazer. De repente, fui procurado como um anjo da morte. Facilitando a morte de meia dúzia de amigos e alguns quase estranhos.

— Com a fraqueza e o colapso da AIDS, ninguém se incomodou em verificar que a perda de sangue havia acelerado o inevitável. Que eu dei aos moribundos um pouco de fantasia e paz. Mas eu não pude mais fazer isso! Eu não era uma máquina de matar! Então, eu fugi de Nova York para sempre e vim para cá. Escondendo-se até que as mortes diminuíssem e depois diminuíssem. Até que as drogas mantivessem as pessoas vivendo. Por pior que fizessem seu gosto de sangue.

— Você se sentiu culpado...



— Não. Eu nunca me arrependi de ter ajudado aqueles que me pediram para morrer. Não importa o que me custou...

— Isso não foi o que eu quis dizer. Você se sentiu culpado porque parou. Porque você não era o tipo de homem que poderia continuar sendo "uma máquina de matar", mas não poderia ser o tipo de homem que ficava parado e os observava morrer com tanta dor. Eu li como foi. Eu vi as peças... os filmes.

— Ninguém que não estava lá pode entender!

— Eu sei. Eu sei. Eu sei que mal posso compreender.

— Eu fugi. — Era bom e monstruoso confessar.

— E você nunca se perdoou. Por não salvar Eddie. Por não ajudar mais homens doentes a morrer...

Ele estendeu a mão e dessa vez eu não consegui me afastar do toque dele.

— Suas lágrimas. Elas não são de sangue, — Kevin sussurrou.

— Harris e Rice não são antropólogos, você sabe. — Eu disse a ele.

— Estou feliz que tudo que está escrito nos livros não seja verdade.

— E por que isto?

— Porque eu prefiro estar transando com você do que com algum Lestat.

Até os meus olhos de vidro encontraram um jeito de se arregalarem.

E eu não tentei mais empurrá-lo para fora da porta.

— Não fale. Apenas... — ele disse.



Esse humano fraco conseguiu puxar um vampiro reconhecidamente irresistível em direção a ele. Até nos beijarmos.

Mais luzes e cores e eu estremeci no centro da minha alma. Eu não podia mandá-lo embora. Deus me ajude. Eu simplesmente não pude...

E uma parte de mim se perguntou por um momento o quanto isso iria ajudar na minha carreira literária.

— Então me conte mais sobre truque ou tratamento na noite passada. Parecia que Bethany gostava bastante disso - falei, quando Diana entrou na cozinha bem cedo. Eu a ouvi entrar alguns minutos antes, subindo as escadas para usar o banheiro antes de entrar na cozinha. Ter audição sobrenatural às vezes era um pouco desconcertante, embora eu tentasse filtrar as coisas.

De qualquer forma, eu sabia que Diana gostava quando pelo menos fingia ter interesse em sua vida doméstica. Na verdade, eu estava interessado - desde que envolvesse Bethany e não um bando de lésbicas discutindo a respeito do equilíbrio entre a vida doméstica e o trabalho ou planejando intermináveis viagens de compras às lojas de antiguidades da Nova Inglaterra que de alguma forma nunca aconteceram. O apelo de antiguidades que não estavam vinculadas a você ou a seus amigos ou familiares desapareceu rapidamente quando você tinha mais de mil e trezentos anos de idade.

— Não existe mais truque ou travessura. Eu suponho que nos subúrbios... Aqui nós arrastamos nossos filhos para algumas festas a fantasia onde doces e travessuras de Halloween são entregues por pais que se sentem



levemente culpados que seus filhos não podem entrar em alguma fantasia de Halloween que eles só conhecem da televisão .

— Bethany e Fran, claro, adoraram. Eu, pessoalmente, estou começando a pensar que você está do lado certo de toda essa coisa anti-Halloween. Não que você não tenha motivos para celebrar a noite passada, pelo que eu posso ver.

— O que você quer dizer? — Eu perguntei, ofendido.

— Eu notei Kevin esparramado em sua cama com algumas ataduras em seu pescoço quando passei por seu quarto. — A porta estava aberta. Ou pelo menos a maior parte aberta - disse Diana. Ela cheirava a torrada amanteigada e bombons de chocolate e eu me perguntei que café da manhã horrível que ela fez que incluía o espólio duramente ganho por Bethany.

— Eu entendi que a entrevista foi bem? — Devo atribuir isso ao HEA? — perguntou ela, e eu sabia que havia um sorriso triunfante no rosto dela.

— Eu sou um vampiro imortal e ele é um homem humano de vinte e quatro anos de idade. Eu acho que 'Happily Ever After'[4] é um pouco demais para esperar, — eu disse, ouvindo ela agora fazendo café. Eu mantive a cozinha fornecida para seu benefício. E eu gosto do cheiro de café, mesmo que não pudesse beber. Apenas sangue ou água e o mais fraco dos chás de ervas adoçados não me faziam vomitar.

— Bem, HFN, então. — Isso deve pelo menos nos dar quase sessenta anos, dadas as tabelas de mortalidade atuais. Talvez até lá seus cientistas no laboratório genético descubram como seu sangue funciona e você possa usar

[4] Felizes Para Sempre.



esse conhecimento para descobrir como transformar alguém. Se nada mais isso deve tirar seus livros de uma rotina.

— Pelo menos um tempo suficiente para que eu possa te amamentar até a aposentadoria e encontrar meu substituto. Quem sabe, *não* será Betânia. E a propósito, vou pegar um pijama para o Kevin. E pelo amor de Deus, certifique-se de que o menino coma. Eu sei que você não precisa, mas ele é magro como um trilho. Ele estava esparramado e dormindo meio fora dos lençóis e aquele traseiro nu dele é tão pálido quanto seu rosto. Eu me pergunto como ele impede que sua calça caia. E não esqueça que ele precisa de ferro. E vitaminas.

Ela continuou me ensinando sobre os cuidados e alimentação de Kevin enquanto nos dirigíamos para o meu escritório.

— Eu vejo que você está começando algo novo? Eu vou contar para a editora... — Diana disse alegremente.

Ela deve ter visto a tela do meu computador. Enquanto Kevin dormia, eu estava trabalhando duro, sem trocadilhos, ditando para o transcritor de voz metade da noite.

— Sim, acho que estou começando algo novo, — respondi, pensando no jovem dormindo tranquilamente no andar de cima.

fim